



R13197.184



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto



A. Fuschini del

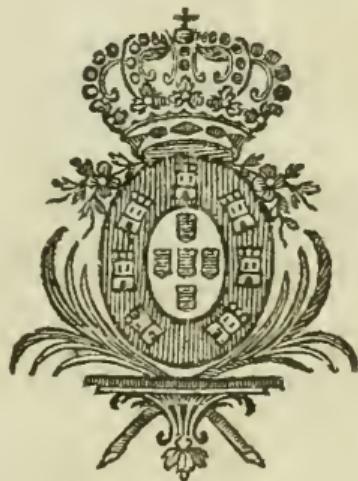
A. I. Quintos sculp.

Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho.
Que vem com tristes lagrimas regar-te
Que d'esta triste. Ihei te compadeçeu.
Act. IV. Scen. III.

NOVA CASTRO, TRAGÉDIA.

POR
JOÃO BAPTISTA GOMES.

Terceira edição, correcta, e augmentada.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1815.

Com Licença.

ACTORES.

A Scena he em Coimbra, n' huma Sala do Palacio em que reside D. Ignez:

A Accção começa ao romper do dia.



Ignez.

Contra Ignez se conspira o Ceo, e a Terra. (1)
 Té das campas os mortos se levantão
 Para me flagellar: continuamente
 Negros fantasmas ante mim voltéão . . .
 Que horror! . . . oh Ceos! . . . agora mesmo, Elvira,
 Debuxados na mente inda diviso
 Os medónhos espectros, que, girando
 Em torno de meu leito, me assombravão . . .
 Surgir vejo Constança do sepulcro,
 Que em furiás abrazada a mim caminha . . .
 Relampagos fusilão! treme a terra . . .
 Eis-que lá dos abysmos arrojados
 Impios Ministros da feroz vingança
 No peito agudos ferros vem cravar-me:
 Debalde agonisante o Esposo invoco . . .
 Proferido por inim seu doce nome
 Exacerba os furores de Constança,
 Que á morada dos mortos me arremessa.
 Oh do crime funestas consequencias! . . .
 Desgraçados mortaes!

Elvira.

E póde hum sonho . . .

Ignez.

Não he hum sonho, Elvira, são remorsos.

(1) Levantando-se.

Elvira.

Devem elles acaso inda ralar-te ?
Não bastou Hymenêo a suffoca-los ?
Ah ! Se antes que os seus laços te cingissem,
 Succumbiste do amor á paixão céga,
Assas tens expiado este delicto,
Delicto mais que todos desculpavel.

Ignez.

Huma alma como a minha, jámais julga
 Ter assas expiado seus delictos :
Embora de Hymenêo os sacros laços
 Agora o meu amor lícito fação,
Este amor foi no crime começado.
Mirrada de pezares, sim, foi elle
 Quem despenhou Constança no sepulcro,
 Constança, esta Princeza desgraçada,
 Que a não ser eu, talvez fosse ditosa,
 Talvez, do Esposo amada, inda vivesse ;
 Eu fui a origem dos seus males todos ;
 Trahí sua amisade, fui-lhe ingrata,
 Sua rival, oh Ceos ! assassinei-a.
Oh crime involuntario ! horrendo crime !
Tuas iras são justas, sim, Constança ;
 Arrasta-me comtigo á sepultura,
 Accaba de punir-me, e de vingar-te ...
Mas ah ! que digo ! ... Não... poupa-me a vida,

Nella a vida do Principe se int'ressa :
 Tu não has de querer envenenar-lha :
 A morte não, não pôde certamente
 A paixão extinguir de que morreste ;
 Mesmo lá do sepulcro inda o adoras ; ...
 E talvez compassiva me desculpes.
 Quem melhor do que tu conhecer deve,
 Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos
 Humanas forças resistir não podem ?
 Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,
 Deixaria eu de amallo sendo amada ?
 Sabe o Ceo quanto tempo em viva guerra,
 Contra o meu coração lutei debalde ;
 Quantas vezes chamando em meu socorro
 A virtude, e a razão ... Auxilio inutil !
 Emmudece a razão quando amor falla.
 Triunfar de paixões iguaes á minha ...
 Os miserios mortaes não podem tanto ...
 Que profiro infeliz ? Até blasfemo ! ...
 Perdoa, Summo Deos, ao meu delirio :
 A meu pezar, Senhor, fui criminosa ;
 Porém tua Justiça adoro, e temo.

Elvira.

O Ceo he justo, Ignez, o Ceo te absolve,
 Tua alma onde morou sempre a virtude,
 Tem por graves delictos leves faltas :

Tranquillisa, Senhora, os teus sentidos,
Modera as afflicções.

Ignaz.

Em breve a morte
A's minhas afflicções virá pôr termo.

Elvira.

Oh ! Ceos ! Na primavera de teus annos,
Engolfada em fataes, loucos pezares,
Tu propria buscas terminar teus dias,
Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do consorte ;
Que huma lagrima só que tu derrames,
Se o Principe jámais a divisasse,
Seria de sobrejo a envenenar-lhe
O terno coração, que affagar deves ! . .
Se neste estado agora elle te achasse,
Em que estado sua alma ficaria ?
Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,
As afflicções desterra, em que soçobras.

Ignaz.

Oxalá que eu podesse desterrallas ;
Mas buscarei ao menos reprimillas,
Porque não participe o caro Esposo
Dos males, dos horrores que me cercão.
Embora o Ceo me opprima, e me castigue,
Entorne sobre mim suas vinganças ;

Porém sobre elle só prazeres mande :
 O seu socego, mais que o meu, desejo :
 A fim de lhe mostrar alegre o gesto,
 Que esforços me não dou continuamente ?
 Para o não affligir ... ah ! quantas vezes
 Calco, suffoco dentro do meu peito
 Afflicções, que no peito me não cabem ! ..
 Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
 Dos meus ao coração recúa o pranto !
 Mas ah ! que os meus pezares, meus martyrios,
 Quanto mais os escondo, mais se azédão,
 Nem podem ter já fim senão co' a vida.
 A qualquer parte que meus olhos mande,
 Motivos d'afflícção sómiente encontrão.
 Do passado a lembrança me horrorisa,
 E do futuro a idéa me intimida :
 Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
 Sobranceiras as iras d'hum Monarca,
 Tudo me vai cavando a sepultura ;
 O coração m'o diz.

Elvira.

Elle te illude :

Que podes tu temer, quando enlaçada
 Ao mais digno dos Principes do Mundo,
 Ao melhor dos mortaes que os Ceos formárão,
 O seu braço invencivel te defende.

Em vez de recear sonhados males,
 Olha os immensos bens, a fausta sorte
 Que propicio futuro te apparelha.
 O Lusitano Solio, que te espera ;
 Os respeitos, o amor dos Portuguezes,
 A gloria de imperar sobre hum tal povo,
 A quem teme, e venera o Mundo inteiro . . .
 Tudo, tudo, Senhora, te promette
 Permanentes venturas : nada temas.

Ignez.

Essas mesmas quimericas esp'ranças ;
 Esses bens illusorios, que me apontas,
 Justos motivos são dos meus temores.
 Oxalá que D. Pedro não tivesse
 Hum Throno por herança que offertar-me !
 Então fora eu feliz, passára a vida
 No regaço da paz, e da alegria :
 Não haveria então quem se oppozesse
 A' perpetua união das nossas almas ;
 Nem barbara politica impêccera
 De nossos ternos corações a escolha :
 Hum do outro na pôsse, ambos ditosos,
 Aos transportes d'amor sem susto entregues,
 Rodeados dos tenros, caros filhos,
 Sem ter que desejar, o Throno excelso,
 Todos esses fantasmas da grandeza

Nem huma vez sequer nos lembrarião;
Mas o fado não quiz...

Elvira.

Ahi vem D. Sancho.

Ignaz.

Que motivo o conduz a procurar-me?
Venero as suas cans, e o seu caracter;
Como elle, junto aos Reis, achão-se poucos.

S C E N A II.

D. SANCHO, IGNEZ, E ELVIRA. (1)

D. Sancho.

O CEO neste lugar faz que eu te encontre:
He preciso, Senhora, com franqueza
Mostrar-te os eminentes precipícios,
Que só tua virtude evitar pôde.
O Principe despreza os meus conselhos,
Meus rogos não attende, nem já céde
A's lagrimas d'hum velho que apprecia,
Mais do que a propria vida, a sua gloria:

(1) Elvira logo'que D. Sancho entra na Scena, retira-se para o fundo della, e pouco depois desapparece.

D'hum velho, que incumbido de educa-lo,
Sempre a núa verdade ante os seus olhos
Tem feito apparecer, buscando sempre
A afastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
Esse das Cortes pessimo veneno,
Que os corações dos Principes corrompe.
Seu caracter violento, caprichoso,
Agora por amor mais inflammado,
Já não deixa dobrar-se ás minhas vozes;
Cégo resiste aos Paternaes conselhos;
He necessario pois que a obedecer-lhe
O resolvás tu mesma. Bem conheces
Do inflexivel Affonso o genio iroso.
Já tres vezes o tem chamado á Corte,
Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
Nem queira pesar bem os ameaços:
Muito do Rei severo temo as iras,
Por crueis Conselheiros atiçadas:
Vendo talvez do filho a rebeldia,
Se esqueça de que he Pai. Cumpre, Senhora,
Que atalhes as funestas consequencias,
Que podem resultar da pertinacia
Em que o Principe insiste: que o convencas
A beneficio seu, em teu proveito,
A cumprir sem demora os seus deveres:

Eu sei que na sua alma podes tudo,
E das tuas virtudes tudo espero.

Ignez.

O teu zelo, candura, e probidade
Assas louvo, e respeito. Não te enganas
Em suppôr-me capaz de emprender tudo,
Inda mesmo arriscando a propria vida,
Para chamar D. Pedro aos seus deveres ;
Não tem sido por falta de lembrar-lhos,
Que elle ás ordens de hum Pai tem resistido.
(Tu, não menos do que eu, seu genio sabes)
Nem attender-me quer quando lhe imploro,
Que á Corte vá lançar-se ás Reaes Plantas.
Todavia, D. Sancho, eu te prometto,
Que não hão de cessar minhas instancias :
Embora, longe delle, Ignez saudosa,
Ao furor dos seus émulos exposta,
Venha talvez a ser victima triste
De insidiosa politica : antes quero
Morrer, do que lembrar-me que sou causa
De que o Principe falte aos seus deveres.

D. Sancho.

Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
Inda sendo opprimida, he venturosa.
Zombou sempre a virtude da desgraça :
Debalde a emulação, armando a intriga,

Conspira contra ti : mas he preciso
Seus designios frustrar : sim . . .

A. *Ignez.*

Eis D. Pedro.

D. Sancho.

Queira o Ceo que o convenças ! Eu vos deixo.

Parte.

S C E N A III.

D. PEDRO, E IGNEZ.

D. Pedro.

QUANTO são vagarosos, cara Esposa,
Os poucos melancólicos momentos,
Que distante de ti saudoso passo !
Só ao teu lado, Ignez, socêgo encontro,
Não existo senão quando te vejo.

Ignez.

Quanto me adoras sei, Príncipe amado ;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitão ;
Porém d'amor agora não tratemos:
Bradando deveres mais sagrados
Que preencher te cumpre antes de tudo.

Tenho, Esposo, hum favor que supplicar-te:
Negar-mo-has tu, Senhor?

D. Pedro.

Ignez, que dizes?

Tu, que tens na minha alma todo o imperio,
Ah! podes duvidar que eu te obedeca?

Ignez.

Pois bem, Senhor, attende á tua esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos céde:
Se tu só junto a mim socêgo encontras,
Tambem só junto a ti socêgo eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,
Que te apartes de mim por algum tempo.

D. Pedro.

Apartar-me de ti? Oh Ceos! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro he quem falla?

Ignez.

He Castro, sim, Senhor, aquella mesma,
Que préza mais que tudo a tua gloria;
Aquella, cujo brio não tolera,
Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.

Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa allucinar-te:
Cedi ao teu amor, porque te amava,
Porque em ti divisei huma alma terna,

Alma que o Ceo formou para encantar-me,
 De todas as virtudes adornada.
 Agora pois te cumpre conserva-las
 E a mim não consentir que as abandones:
 Eu de mim propria assás me horrorisára
 Se visse que as perdiás por amar-me.
 Não, principe querido, eu te supplico
 Por este mesmo amor que a ti me prende,
 Que á Corte sem demora te dirijas,
 Onde teu Pai, talvez já fatigado
 De te chamar em vão, te espera ancioso.
 Obedecer aos Paternaes preceitos
 He lei da natureza, he lei sagrada;
 Cumpri-la deves: vai...

D. Pedro.

Basta: Eu conheço
 Quaes meus deveres são, e sei cumpri-los;
 Sei que he devida aos Pais a obediencia;
 Mas igualmente sei que tem limites
 A Paternal, sagrada auctoridade.
 Tenho pensado bem no que obrar devo:
 Justos motivos, que não sabes inda,
 Exigem que eu não cumpra as Regias ordens.
 Obedecêra a hum Pai, se Pai tivera ...
 Mas eu não vejo mais do que hum tyranno
 Nesse que o ser me deo ...

Ignez.

Senhor, suspende:

He **teu** **Pai**; muito embora cruel seja;
Tu **deves** **respeita-lo**, e obedecer-lhe.

D. Pedro.

Se quer que lhe obedeça, e que o respeite,
 Não me imponha preceitos deshumanos.

Ignez.

Não prometteste ha pouco á tua **Esposa**
Conceder-lhe o favor que te pedisse?

D. Pedro.

Vê pois quando não posso comprazer-te,
 Se terei razões justas que me estorvem
De obedecer a hum Pai!

Ignez.

Não pôde have-las.

D. Pedro.

Tyrannos . . . que nos julgão seus escravos ! (1)
 Para nos flagellar, o ser nos derão !

Ignez.

Tu me fazes tremer.

D. Pedro.

Sabe em fim tudo.

Affonso, e o Monarca de Castella

(1) Sem attender a Ignez, transportado.

Acabão de firmar a nova alliança,
 Em que sem meu consenso contratáráo,
 Que daria a Beatriz a mão de Esposo:
 Para este fim á Corte sou chamado.
 Affonso não contente da violencia
 Que ao meu coração fez, quando forçado
 De rôjo me levou ante os altares
 Para unir-me a Constança em laço eterno,
 Pezado laço, que rompeo a morte;
 Não contente de haver sido o motivo
 De... Mas que digo? Não, ah! não foi elle;
 Eu em lhe obedecer fui o culpado;
 Que desenfreie agora as suas iras;
 Que rogue, ou que ameace; mesmo quando
 Em secreto Hymeneo não estivessem
 Ligadas para sempre nossas almas,
 Debalde intentaria submetter-me
 A hum jugo que a vontade recuzasse.
 Reconheço porém que a pertinacia,
 O despotico orgulho de seu genio,
 Sem que attenda senão ao seu tratado,
 Quererá que por força o desempenhe.
 Não convém descobrir nosso consorcio;
 E outra escusa qualquer que eu fosse dar-lhe
 D'irritallo inda mais só serviria.
 Agora julga pois se partir devo,

Se me devo hir expôr, talvez... quem sabe!
 A faltar-lhe ao respeito inteiramente...
 Mas tu choras?... que vejo!... acaso temes?...

Ignez.

Nada temo por mim, por ti só temo:
 Sim, quando vejo os sobranceiros males,
 Por desditoso amor originados;
 Quando vejo engrossar a tempestade,
 Que me denota proxima ruina;
 Nem por isso me assusto: o que me afflige,
 He vêr hum Pai, hum Reino, e o proprio Esposo,
 Tudo por meu respeito alvorotado.
 Em situação tão ardua, e tão penosa,
 Té chego a desejar... (infeliz Castro!)
 Que o sacrosanto nó que a ti me prende,
 Este laço tão doce, e desejado,
 Dos bens o maior bem que Ignez possue,
 A ser possivel, hoje se rompesse,
 Só porque tu podesses livremente
 Obedecer a hum Pai, fazer ditosos
 Por hum feliz consorcio dois Imperios.
 Muito embora Beatriz te possuisse...
 Mas que digo? Ai de mim! Nos braços d'outra!..
 Nos braços d'outra ver o amado Esposo!
 Ah não... não posso tanto, antes a morte.

D. Pedro:

He teu meu coração, será teu sempre.
 Os laços de Hymenêo são as mais debeis
 Prizões que a ti me ligão: Quando amamos,
 Desnecessarios são ritos, promessas:
 Mais força tem amor que os juramentos.
 Inda que ante os altares sacros votos
 De permanente fé, de amar-te sempre
 Não tivesse a teu lado proferido,
 Seria sempre teu, sempre te amára;
 Sem que já mais pudesse força humana
 Separar corações que amor unira.

Ignez.

Mas que, talvez em breve sopeados,
 Aos golpes da politica succumbão.

D. Pedro.

Para lhe resistir basta o meu braço.

Ignez.

O teu braço, Senhor, só deve armar-se
 Para emprezas mais dignas do teu nome:
 No lance melindroso em que nos vemos,
 Convém, mais que os furores, a brandura;
 E a pezar das razões que ponderaſte,
 Julgo que deves dirigir-te á Corte;
 Pois talvez, se não corres a embargallos,
 Teu Pai avance os começados passos

Para as nupcias da Infanta de Castella,
 Na esperança de ser obedecido,
 E a ponto chegue que depois não possa . . .

D. Pedro.

Sem lhe dizer porque, já fiz saber-lhe,
 Que taes nupcias já mais celebraria.

Ignaz.

Mas não fôra melhor . . .

S C E N A IV.

D. PEDRO, IGNEZ, e D. SANCHO.

D. Sancho.

SENHOR: Ah! corre,
 Vem esperar meu Pai.

Ignaz.

Oh Ceos!

D. Pedro.

Que dizes?

D. Sancho.

Dirigido a Coimbra em veloz marcha
 Partiu da Corte Affonso, aqui não tarda.

Ignez. (1)

Agora sim, minha desgraça he certa.

D. Pedro. (2)

Meu Pai? oh Ceos!... meu Pai?...

D. Sancho.

Coelho, e Pacheco,

Seus crueis Conselheiros, o accompanhão:

Toda a Corte, Senhor, em sobresalto

Ficou co'esta partida inesperada:

Mendonça, que ligeiro vem trazer-te

A importante noticia, assim o affirma:

Murmura o Povo já de recusares

As nupcias de Beatriz, que applaudem todos.

D. Pedro.

Murmure muito embora, embora venha

Armado de poder, ardendo em raiva,

Da vingança, e das furias escoltado,

Esse a quem por meu mal devo a existencia;

Que se intentar comigo ser tyranno,

Ha de em seu filho achar hum inimigo

Capaz dos mais tremendos attentados;

Que em casos taes os crimes não são crimes,

São forçoso dever das almas grandes.

Esperallo não vou.

(1) Fallando comsigo mesma.

(2) Pensativo, e admirado.

D. Sancho.

Senhor, que fazes?

D. Pedro.

O que me apraz fazer.

Ignez.

Oh Ceos! Nem posso

Das tuas expressões horrorisada,
Soltar do coração tremulas vozes:
Fallem por mim as lagrimas que chôro...
Não me consternes mais. Ah! vai, não tardes;
Vôa a encontrar teu Pai, se ver não queres
Estalar de afflictão a tua Esposa.

D. Pedro (1)

Eu vou satisfazer-te, sim eu parto;
Vou rasgar do segredo a cauta venda:
Saiba, sim, saiba Affonso antes que chegue
Estes sitios a entrar, que Ignez habita,
Que a deve respeitar como Princeza;
Que inquebravel prizão a Ignez me liga. (2)

D. Sancho.

Oh Ceos! Não faças tal, melhor discorre;
Para lhe revelar hum tal segredo,
Occasião mais opportuna espera:
A cólera azedar não vás de Affonso;

(1) Depois de ficar hum pouco pensativo, diz resoluto.

(2) Em accão de partir, e D. Sancho retendo-o.

No transporte cruel das suas iras,
Bem sabes que he capaz...

D. Pedro.

De que? De nada:

Mais de mim, do que eu delle, tremer deve...
Se ouzasse contra Ignez... Ah! nem pensa-lo.
Para vingar o seu menor insulto
Seria pouco todo o sangue humano.

Igncz.

Bem me dizia o coração preságio...
Meu mal he sem remedio; o proprio Esposo
He quem vai despenhar-me no sepulcro.
Meus crueis inimigos não me assustão:
O popular tumulto, hum Rei severo
Nada temo, ai de mim! a ti só temo.
Ah! Lembra-te, Senhor, do que juraste
Antes de conduzir-me ás sacras Aras,
Onde eu te não seguira, se primeiro
Tu me não prometesses guardar sempre
O devido respeito ao teu Monarca,
E a paz não perturbar dos seus Dominios:
Tu não has de faltar, o tempo he este
Que eu já previa então: oh caro Esposo!
Lança do coração fataes transportes;
Não percas tempo, vai, corre a prostrar-te
Aos pés do grande Affonso; mas submisso

Ao beijar de teu Pai a mão augusta
 Sobre ella de teus olhos chova o pranto.
 Pondera que te perdes, que me perdes,
 Se com elle furioso practicares ;
 Só nos pôde salvar docil brandura :
 Senão queres matar-me, sé submisso.

D. Pedro.

O temor de affligir-te pôde tudo.
 Respeitoso serei, terei brandura,
 Se elle brandura igual usar comigo.
 Nada temas, Princeza : Adeos. Eu juro
 Pelos Ceos outra vez, e por ti mesma,
 Que inda que o Mundo inteiro se me opponha,
 Castro ha de ser de Portugal Rainha. (1)

Ignez.

Não te apartes, D. Sancho, do seu lado :
 Moderem teus conselhos seus transportes.

D. Sancho.

Dai forças, justos Ceos, ás minhas vozes,
 Lançai a Portugal piedosas vistas.

(1) Parte.

SCENA V.

*IGNEZ só.**Ignez.*

QUE temor, infeliz! de mim se apossa! (1)
 Caro Principe!.. Esposo!.. oh Deos, quem sabe
 Se nunca mais eu tornarei a ver-te!..
 Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,
 E entrega-te nas mãos da Providencia.

ACTO III.

SCENA I.

*D. AFFONSO, e D. PEDRO.**D. Affonso.*

BASTA, Principe, basta: prescindamos
 De justas arguições, de escusas futeis;

(2) Sem poder despregar os olhos do caminho que tomou D. Pedro.

Não quizeste hir, vim eu. Quero esquecer-me,
Perdoar quero mesmo as tuas faltas,
Huma vez que obediente hoje as repares.
Concluão-se estas nupcias proveitosas,
Que para teu prazer, e a bem do Estado,
Prudente contratei. Verás com gosto,
Quando Lisboa entrees a meu lado,
Com quanto regozijo o Povo todo,
Teu consorcio applaudindo, a festeja-lo
Com pompa jámais vista se prepara.
Que doçura não he para os Monarcas,
Espalhar alegria entre os Vassallos !
Vélos mandar ao Ceo ardentes votos,
Pela conservação da Regia Prole,
Que lhe segura a paz, a dita, a gloria !
Vêr que as suas acções o Povo approva,
E contente abençoa o seu Reinado,
Curvando-se degrado ao leve jugo,
Que sómente os máos Reis fazem pezado !
Mil graças dou aos Ceos, pois satisfeitos
Julgo estarão de mim os Lusitanos.
E nada mais desejo que deixar-lhes
Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
E que por elles seja sempre amado.
Começa desde já neste consorcio
A firmar o seu bem. Sim, hoje mesmo

Deves partir comigo para a Corte,
 A fim de o celebrar, logo que chegue
 A Infanta de Castella, digno objecto
 Que escolhi para Esposa de meu filho.

D. Pedro.

Ah ! Que seja possivel, por meu damno,
 Que o melhor dos Monarcas do Universo,
 Igualmente não seja o Pai mais terno !
 Que hum Rei, que desvelado buscou sempre
 Fazer os seus Vassallos vênturosos,
 Queira fazer seu filho desgraçado ! . .
 Contratares, Senhor, sem consultar-me
 Hum consorcio, ignorando se teu filho
 Pôde, ou quer d'Hymenêo ás leis cingir-se !
 Se essa, que lhe destinas para Esposa,
 Pôde ao seu coração ser agradavel !
 Acaso julgas tu desnecessaria
 A minha approvação para estas nupcias !
 Não será livre hum coração ao menos
 Na escolha d'huma Esposa, que amar deve...
 Ah ! Não queiras, Senhor, com tal violencia...

D. Affonso.

Emmudece, insensato; não prosigas
 Indignas expressões que me envergonhão . . .
 Bem conheço a razão porque assim pensas.
 Que indignos sentimentos, que fraqueza,

Para quem deve hum dia ser Monarca !
 Como, quando do Imperio as redeas tomes,
 Quando na mão a espada formidavel
 Da severa Justiça sustentares,
 Da paixão punirás o torpe effeito,
 Sendo tu proprio das paixões escravo ?
 Como jámais serás obedecido,
 Se tu mesmo ao teu Rei desobedeces ?
 Com quanta repugnancia os Portuguezes,
 Murmurando, verão no Luso Solio,
 Que de tantos Heróes tem sido assento,
 Hum Rei dado ás paixões affeminado,
 Incapaz de empunhar o Sceptro Augusto !

D. Pedro.

Mas capaz de os reger, e defende-los.
 Se das grandes paixões sou susceptivel,
 A molleza detesto, bem o sabes :
 Quando cumpre, Senhor, em campo armado,
 Ensinado por ti, brandindo a espada
 Sei por acções mostrar que sou teu filho;
 Nem para ser bom Rei (Senhor, perdoa)
 Eu julgo necessario huma alma dura ;
 Mas antes me persuado não devêra
 O que fosse insensivel reger Homens.
 Corações que á ternura se não rendem,
 Jámais sabem carpir alheios males,

Nem doer-se das lagrimas do afflito.

D. Afonso.

Apagada a razão, cégo deliras.

Isentos de paixões os Reis ser devem;

Manão dos seus os publicos costumes:

Se exemplificação mal os seus Estados,

Os vicios dos Vassallos são seus vicios;

Devem sacrificar os seus desejos;

Ser comsigo crueis a bem dos Povos,

Que o Ceo lhes confiou; e os que se ensaião

Para lhes dar as Leis, devem mostrar-se

Capazes destes nobres sacrificios.

Os consorcios dos Principes são obra

Dos int'resses do Estado, elles decidem,

Elles dispõem de nós. Deixem-se ao Vulgo

Caprichosos melindres com que exige,

Que aos laços d'Hymenêo Amor presida.

As doçuras de Amor para os Monarcas

São de pouca valia: a nossa gloria

Não se firma em tão fracos alicerces.

D. Pedro.

Se aos que devem reinar he necessario

Ceder dos privilegios, dos direitos

Que a Natureza deu aos Homens todos;

Por tal preço, Senhor, não quero o Throno!

Laços formar, que o coração repugna,

Origem de desgraças, e de crimes . . .
 Assas o exp'rimentei . . . grilhões tão duros,
 Por tuas mãos lançados, longo tempo
 Com bem custo arrastei . . . Supportar outros . . .
 Ah ! Não, Senhor, não posso.

D. Affonso.

Temerario !

Basta já de soffrer hum filho ingrato.
 Se aos rogos, ás razões de hum Pai benigno
 Tu não queres ceder; cede aos preceitos
 De hum Monarca severo, e justiçoso.
 Eu dei minha palavra, has de cumpri-la :
 Os tratados dos Reis não são falliveis :
 Debalde pois te oppões . . .

D. Pedro.

Mas ah ! Pendera . . .

D. Affonso.

Tenho em fim decidido. Acaso queres,
 Deixando de cumprir o meu tratado,
 Entre os Povos soprar a horrenda guerra ?
 Queres ver Portugal nadando em sangue ?
 Contra nós conspirada a Europa inteira,
 Abraçando o partido de Castella,
 Vir vingar sua injuria ? Ah ! . . .

D. Pedro.

Que receas ?

Portugal vencedor, nunca vencido,
Zombará do poder do Mundo inteiro.
Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,
Que contra nós se atreva a mover guerra?
Não ha de inda lembrar-se o seu Monarca,
Que te deve os Dominios que possue?
Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
Vendo nas mãos o Sceptro vacillante,
Mandou a propria Espousa, filha tua,
A implorar-te que fosses soccorre-lo,
Ou antes sobre o Throno sustenta-lo?
E que do filial pranto commovido,
Não contente em mandar-lhe tuas Tropas,
Tu proprio á testa dellas generoso
Quiseste ir debellar seus inimigos,
E segurar-lhe a C'roa na cabeça?
Ha de offendre quem soube defende-lo?
Quem pôde, apenas queira, anniquilla-lo?
Não; quem vio pelejar ao teu commando,
Nas margens do Sallado os Portuguezes,
A atacar Portuguezes não se atreve;
E se a tanto chegar a sua insania,
A' maneira dos seus antepassados,
Chorando o opprobrio de ficar vencido;
Caro lhe custará seu louco arrojo.
Oxalá que elle á guerra nos convide!

Poderia teu filho então mostrar-te,
 Que te sabe imitar quando he preciso,
 Novos louros cingindo ao teu Diadema.

D. Affonso.

Que desatino! Oh Ceos!.. Eu me envergonho
 De te haver dado o ser: de te ouvir tremo...
 Tristes Vassallos meus, amados filhos,
 Que Monarca vos deixo sobre o Throno!
 Tu desejas a guerra? Esse flagello,
 Que envergonha, e devasta a Humanidade?..
 O capricho dos Reis que importa aos Povos?
 Ouve as lições de huin Pai, posto que iroso
 Só devêra tratar do teu castigo.
 Eu não posso deixar quando te escuto,
 De reprehender-te, ó filho, e de ensinar-te:
 Talvez por ti mandado á sepultura,
 Bem depressa no Throno me succedas;
 Não te esqueças então dos meus dictames:
 Poupa o sangue dos miseros Vassallos,
 Do mais infimo delles preza a vida
 Outro tanto que a tua; teme a guerra
 Que ao proprio vencedor sempre he funesta:
 No meio do triunfo, os bons Reis chorão.
 Nessa mesma tão celebre batalha,
 Que julgas me cingio de louro eterno,
 Quando juncavão do Sallado as margens

Os montões de cadaveres sem conto
 De infieis derrotados inimigos ;
 Por perder trinta só dos meus Soldados,
 Muito cara julguei esta victoria,
 E, dentro de mim proprio recolhido,
 Mais pranto derramei, do que elles sangue.
 Os Reis devem ser Pais de seus Vassallos ;
 Nada mais que o seu bem deve importar-lhes...
 Elle exige estas nupcias, que te ordeno ;
 Suas vozes escuto, e não as tuas.
 Já te disse que dei minha palavra,
 E torno-te a dizer, que has de cumprilla.
 Affonso he tēu Monarca : mando, e basta.
 Hoje mesmo comigo para a Corte
 Vê que deves partir, vai preparar-te.

D. Pedro.

Teus passos seguirei, porém debalde...
 Celebrar o consorcio que pertendes...
 Quizera obedecer-te, mas não posso...
 Sem que te diga mais, assás te digo.

Parte.

SCENA II.

D. AFFONSO só.

D. Affonso.

HE POSSIVEL, oh Ceos! que assim meu filho
Temerario resista aos meus preceitos!..
Que cegueira! Que arrojo! He necessario
Desarreigar-lhe d'alma por violencia
A funesta paixão que o traz de rojo:
Mas de que modo?.. Cumpre meditallo...
Seja em fin como for, desempenhado
Meu tratado ha de ser: o ingrato filho,
Em vez de hum Pai benigno, hum Rei severo
Ha de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno.

Chamando para dentro, á Scena.

SCENA III.

D. AFFONSO, e D. NUNO.

D. Nuno.

QUE me ordenas, Senhor?

D. Affonso.

Os Conselheiros

Vai chamar... mas espera, ahi vem Pacheco.

SCENA IV.

D. AFFONSO, PACHECO, e D. NUNO.

D. Affonso. (1)

QUEM tal dissera, Amigo! Eu me envergonho
 Sómente de o pensar: o iroso aspecto
 De hum Monarca, de hum Pai, razões, ameaços
 Nada bastante foi: ousa o rebelde
 A's nupcias recusar-se, aos meus preceitos;
 Mas ha de obedecer-me, aos Ceos o juro,
 Os meios estudemos, que efficazes
 A sua contumacia vencer possão:
 Se necessário for, inexoravel,
 Rigoroso serei.

Pacheco.

Dever funesto

He, Senhor, na verdade, o de hum Vassallo,

(1) D. Affonso se dirige a Pacheco, e D. Nuno se afasta para o fundo da Scena.

Que fiel ao seu Rei, bem que sensivel,
 Na precisão se vê de supplicar-lhe,
 Que suffoque a piedade, e que castigue...
 Mas o int'resse do Estado, e mais que tudo
 O decoro do Throno assim o exigem.
 De incorrupta lealdade claras provas
 Eu protesto dar sempre ao Rei, e á Pátria.
 Longe de desculpar, porque he teu filho,
 Do Principe a paixão, funesta origem
 Da sua contumacia ; com franqueza
 Direi meus sentimentos, sem que possa
 Tolher-me as expressões o temor justo
 De perder o favor, de ser odiado
 De hum Principe que adoro, e que respeito.
 Se queres que teu filho te obedeça,
 Corta a indigna paixão que maneatado
 O coração lhe traz, e que o estorva
 De entrar em seus deveres : pune, extingue
 Esse objecto fallaz que a alma lhe encanta:
 De contrario, Senhor, serão baldados
 Outros meios quaesquer que projectares.

D. Affonso.

Seja punida, sim, seja punida
 Mulher que tantos males origina ;
 Que impéra mais do que eu, e que se atreve
 A usurpar-me do filho a obediencia.

Seu crime... Mas que digo!... Por ventura
 Não he meu filho mais culpado qu'ella?
 Serei eu parcial punindo Castro,
 Sem que seja igualmente castigado
 Quem deve mais do que ella ser punido?..

Pacheco.

O Principe, he teu filho, tanto basta
 Para ser absolvido, e desculpado:
 A condição d'Ignez he mui diversa.

D. Affonso.

Não puno condições, puno delictos.
 Antes de tudo, interrogalla devo.
 D. Nuno, Chama Ignez. (1) Ouvilla quero,
 Sondar seu coração; depois veremos
 Se he digna de castigo.

Pacheco.

Ah! Se attenderes
 Suas vozes, Senhor, suas escuzas,
 Por seu astuto pranto subornado,
 Deixarás por piedoso de ser justo.
 Quem foi capaz de fascinar o Filho,
 Pôde o Pai fascinar. Arte impostora
 A peitos feminis Amor sugere:
 Quando as abraza criminosa chamma,

(1). Parte D. Nuno.

Negão as expressões o que a alma sente,
 E c' o auxilio das lagrimas convencem.
 Attende, attende só ao bem do Estado,
 Ao exemplo que deves ao teu Povo,
 Que, murmurando já, talvez se azéde
 Se vir que em nova guerra o precipita
 Do Príncipe a paixão escandalosa ;
 Não sofrerá Castella a grave affronta
 De ser, do seu tratado em menoscabo,
 Por teu filho Beatriz repudiada :
 E o consorcio D. Pedro não celebra,
 Sem que até da lembrança Ignez lhe afastes.
 Atalha em quanto podes tantos males :
 Muitas vezes punir he ser piedoso.

D. Affonso.

Tu me fazes entrar nos meus deveres.
 Para me resolver a castigalla
 Basta o bem do meu Povo que me lembras.
 No coração de hum Rei digno do Throno,
 Se os int'resses do Estado a voz levantão,
 Compaixão, amizade, natureza,
 Tudo, tudo emmudece. Exterminada,
 Em remota clausura Ignez reclusa,
 Da presença do Príncipe se affaste :
 Não torne a ver meu filho essa que o céga,
 Em quanto, da rasão acceso o facho,

As tochas de Hymenêo arder não faça;
E se isto não bastar, mão lançaremos
De outro mais efficaz duro remedio.

Pacheco.

Não bastará talvez: por mais que seja
Recatado, é remoto qualquer sítio,
Que para o seu desterro escolhier possas,
Lá mesmo hirá teu filho arrebatalla.
Eu calo o mais que sinto, e só te lembro,
Que a quereres com ella ser piedoso,
Ponpando-lhe hum maior justo castigo,
De Portugal ao menos a desterres.

Occasião, Senhor, tens opportuna
De envialla ao Monarca de Castella,
Que zeloso da filha no decóro,
Guardará providente em segurança
A rival que se atreve a disputar-lhe
O coração do Príncipe. Este arbitrio
Segue pois se te apraz, bem que inda o julgo
Para tão grande mal remedio fraco.

D. Affonso.

Seguirei teu conselho; porém antes
Já de brandura, já de ameaço usando,
Quero tentar o coração de Castro;
Ver se a posso mover a que ella mesma

As chammas que accendeo apagar busque.
Mas ella para aqui já se encaminha.

S C E N A V.

*D. AFFONSO, IGNEZ, PACHECO, e
D. NUNO. (1)*

Ignez. (2)

EU DESFALEÇO... Oh Ceos!.. Excelso Affonso
Permitte que a teus pés Ignez prostrada... (3)

D. Affonso.

Levanta-te, ardilosa. Não he digna
De beijar a Mão Regia huma vassalla,
Que a perpetrar se atreve altos delictos.

Ignez.

Eu perpetrar delictos ! Quaes são elles ?
Fiel sempre ao meu Rei, vassalla humilde,
Ignoro em que offendesse a Magestade.

(1) Pacheco affasta-se para o fundo da Scena, logo que Ignez se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz se retira.

(2) A' parte.

(3) Prostra-se aos pés do Rei.

D. Affonso. (1)

Além de criminosa, inda impostora!..
 A fallaz artificio em vão recorres.
 De sobejo sciente do teu crime,
 Tua simulação mais me enfurece:
 Ousarás tu negar que amas meu filho?

Ignez.

Não, Senhor, a negallo não me atrevo...
 Nem, por mais que eu quizesse poderia
 Deixar de confessar o que os meus olhos,
 O rubor de meu rosto assás te explicão:
 Sim, se he delicto amar, e ser amada,
 Meu coração, Senhor, he criminoso....
 Mas eu não sou culpada.

D. Affonso.

Que proferes?

Se confessas tu mesma o teu delicto,
 Dizes não ser culpada?

Ignez.

Sou ingenua.

Em chamar-me impostora te enganaste:
 Tenho-te dito assás... e mais dissera,
 Se licito me fosse.

D. Affonso.

Acaba, dize:

(1) Contemplando-a iroso.

Que cegueira fatal, que louco arrojo,
 Vans, altivas idéas te inspirárao ?
 Como intentaste ousada ter imperio
 No coração d'hum Principe ? Não vias
 A distancia empinada, inacessivel.
 Que do teu berço vai ao Throno excelso ?

Ignez.

Quando amante paixão nos predomina,
 Offuscada a rasão, a ninguem lembrao
 As distancias fataes do berço, e sangue.
 São iguaes ante amor os mortaes todos :
 De virtude sómente se enamora
 Huma alma virtuosa : só virtudes
 Convidárao Ignez a amar teu filho.

D. Affonso.

E atreves-te a fallar inda em virtude ?
 Não profanes palavra tão sagrada ;
 Antes dize que estólida esperança,
 Avidez de reinar te fez culpada.
 Talvez da minha já cançada vida
 Contando os longos importunos dias,
 Te tardava o momento suspirado,
 Em que, baixando Affonso á sepultura,
 Vasio o Throno, aos teus desejos franco,
 Te cingisse o Diadema a indigna fronte.

Ignez.

Que injustiça!... Minha alma não conheces,
 Não conheces de amor o desint'resse:
 Quem ama, só deseja ser amado,
 E a par de hum coração como o de Pedro,
 Os Diademas que são? Que vale o Mundo?
 Quem de seu terno peito o imperio obteve,
 Mais imperio não quer: nem se deslumbrão
 As almas grandes c'o esplendor do Throno.
 Quando a amor succumbi, do Solio estava
 Mais longe que o meu berço a minha idéa,
 Por isso não medi como devera
 A declive distancia que os separa;
 Mas hoje a vejo assás, e mais deploro
 A condição do Principe, que a minha;
 Quizera que tivera antes nascido
 Vassallo o meu amante, que eu Princeza:
 Longe de o cubiçar, detesto o Throno:
 Nelle deviso só barreira odiosa,
 Que entre peitos sensiveis sorte adversa
 Alçou para que nunca unir-se possão...
 Sei que sou infeliz... e serei sempre.

D. Affonso.

Podes inda evitar maior desgraça;
 Quem logo que o conhece o crime atalhia,
 A innocencia recobra. Extingue, ó Castro,

As criminosas chamas que sopraste ;
 Quanto são detestaveis não ignoras,
 E bem vês que nutrillas mais não podes.
 Antes pois que do Principe te affastes,
 { A tão graves delictos leve pena,
 Que hum benigno Monarca te destina)
 Teu completo perdão merecer busca.
 Tu mesma de seus erros o dissuade,
 E o convence a cingir-se aos dignos laços
 Do plausivel consorcio que lhe ordeno :
 Concorre para o publico socego,
 Em vez de o perturbar : não exacerbes
 Pertinaz em teu crime as minhas iras.
 Teme o castigo atroz de que hes crêdora,
 Se ao coração do Principe as que urdiste
 Prisões abominaveis não desatas.

Ignez.

Muito exiges de mim ! .. Ah ! Se eu pudesse
 As algemas romper que nos vinculão ;
 Só por te obedecer (crê-me) o fizera :
 Mas como n'hum momento arrancar posso
 Do peito de teu filho sentimentos,
 Que amor, e sympathia originárão ?
 Para sempre deixar a terna amante,
 E subito lançar-se em braços de outra ! ..
 Se elle tivesse huma alma tão volvel,

Por amallo increpada eu não seria?
 Que proferi?.. Deliro... Oh Ceos... Perdoa...
 Perdoa-me, Senhor, talvez o tempo...
 Extinguir poderá... Não sei que digo.

D. Affonso.

Basta: emmudece já, mulher soberba.
 De sobejo em tua alma tenho entrado.
 Ousas alardear ante mim proprio,
 Do mais nefando crime! Ah! que castigos
 Bastarão a punir teus attentados!
 Tudo quanto ha de horrivel...

S C E N A VI.

*D. AFFONSO, IGNEZ, COELHO, e
 PACHECO.*

Coelho.

DE CASTELLA

Embaixador chegou, que Audiencia pede.

D. Affonso.

Entrar pôde.

SCENA VII.

D. AFFONSO, IGNEZ, e PACHECO.

D. Affonso.

RETIRA-TE, atrevida;

De meus olhos te affasta; vai, que em breve
Te serão minhas ordens intimadas.

Ignez.

Humilde, e respeitosa hei de comprillas.
Mas só te rogo que antes de punir-me,
Te dignes sem paixão sondar meu crime;
Pois se pezares bem os meus delictos,
Espero que me julgues culpavel. (1)

SCENA VIII.

D. AFFONSO, e PACHECO.

Pacheco.

QUE insolente altivez ostentar ousa!..
Eu te lamento, ó Rei, quando te vejo

(1) Retira-se Ignez, e D. Affonso fica pensativo, em quanto Pacheco falla.

Na dura precisão de repellires
 Da tua alma os impulsos compassivos,
 Constrangido a punir asperamente,
 Para evitar terríveis consequencias.

SCENA IX.

*D. AFFONSO, COELHO, PACHECO,
 O EMBAIXADOR.*

Embaix.

AFILHA do meu Rei, que te saúda,
 Já dos Dominios teus piza as fronteiras;
 Mas o boato geral de que teu filho,
 Por violenta paixão alucinado,
 De Beatriz ao consorcio se recusa,
 Aos ouvidos chegou do meu Monarca,
 Que me ordena te diga, e te assegure,
 Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
 O tratado soleimne for violado,
 (O que elle não espera) dignamente
 Saberá sustentar a toda a força
 O decóro da filha, e do seu Throno.

D. Affonso.

Dize da minha parte ao teu Monarca,

Que para dissipar seus vãos receios,
 Bastaria lembrar-se que os Reis Luzos,
 Fidelissimos sempre, seus tratados
 Sabem desempenhar: não porque temão,
 Quaesquer que sejão, estrangeiras forças;
 Mas por dever, por gloria, e por costume.
 E para lhe mostrar como procedo,
 Hoje mesmo destérro de meus Reinos,
 E á sua guarda entrego Ignez de Castro,
 Que elle julga estorvar da Infanta as nupcias.
 Podes certificar-lhe que consorte
 Ha de meu Filho ser da Filha sua.

Embaix.

Nem era de esperar que hum Rei tão sabio,
 Procedesse jámais d'outra maneira.
 Prompto vou expedir ao meu Monarca
 A plausivel resposta, que lhe envias,

S C E N A X.

D. AFFONSO, COELHO, e PACHECO.

D. Afonso.

SEM demora, Pacheco, aprimptar faze,
 Para Ignez conduzir, segura escolta:

Vai, Coelho, dizer-lhe, que se apreste:
 Partirá hoje Ignez para Castella,
 E meu filho comigo para a Corte.

Coelho.

Oxalá que assim seja! Mas duvido.
 Em castigar avaro em demazia,
 Além de ser, Senhor, simples desterro
 Aos delictos de Ignez pena mui leve;
 Receio que de horriveis attentados
 Seja origem fatal este projecto.
 Fôra talvez melhor lançar mão logo
 Dos efficazes, ultimos remedios.
 Eu conheço o caracter de teu filho:
 Mal souber que roubar-lhe Ignez intentas,
 Dos filiaes deveres esquecido,
 Com braço armado, temo que se atreva
 Contra seu proprio Pai.

D. Affonso.

Nem tal profiras:

Não faças a meu filho essa injustiça:
 De tão feio attentado basta a idéa
 Para me horrorizar. Hide ligeiros
 Fazer que as minhas ordens se executem.
 Ah! Se alguém se atrevesse a contravillas,
 Seu tremendo castigo serviria
 De memorando exemplo ao Mundo inteiro.

ACTO III.

SCENA I.

IGNEZ só.

Ignez.

MIZERANDA!.. Que trance! Oh desventura!..
 Oh sentença cruel!.. Venceste, oh Fado.
 Apraziveis lugares, testimunhas
 Do mais ardente amor, ah! para sempre
 A mal-fadada Ignez de vós se aparta...
 Quanto fóra melhor, quanto mais doce
 Deixar a vida, que o amante!..
 Quel!.. Eu!.. deixar o amante?.. oh caro Esposo!..
 Oh Ceos! podeis mandallo, ou permittillo?
 Sereis tambem crueis como os humanos?
 Condemnareis os mesmos, que soprastes,
 Sentimentos d'Amor, da Natureza?...
 Para hum castigo tal quaes são meus crimes?..
 Se me queres punir, Deos de vingança,
 Os raios tens nas mãos, accende os raios,
 Meu terno coração reduze ao nada;

Mas d'outro coração a que o ligaste,
 Separallo jámais... Ah! nem tu mesmo,
 Nem tu, que podes tudo, tanto podes.
 Que proferes, blasfema! Aos Ceos te atreves?..
 Oh virtude! oh razão! Desamparais-me?..
 Aos teus deveres torna, entra em ti mesma.
 Aonde, Ignez, está tua constancia?
 Orgão do Ser Supremo, hum Rei te ordena,
 Que do Esposo te apartes; não resistas;
 He força obedecer; enfrea n'alma,
 Suffoca as afflícções, cala os queixumes.
 Co'as desgraças os crimes não mistures.
 Mas deixallo!.. ai de mim!.. Deixallo!.. Agora,
 Agora he que eu conheço as furias todas,
 Toda a fôrça d'amor; elle triunfa
 Da razão, da virtude, e dos Ceos mesmo.

SCENA II.

IGNEZ, e ELVIRA.

Elvira.

SENHORA... (Ai triste!.. o pranto me suffoca!)
 Se he certo que ímpias ordens te condemnão
 A deixar Portugal, a triste Elvira,

Que protestou viver, morrer comtigo
 Sempre junto ao teu lado a qualquer parte
 A que te arroje a sorte, ha de seguir-te:
 Confio que esta graça me concedas.

Ignez.

Ah! não venhas juntar aos meus pezares
 O quadro da Amizade consternada:
 Para esmagar-me o coração sensivel
 Bem basta Amor, a Natureza basta.
 Não posso resistir a tantos males,
 Aos golpes da saudade que retalhão
 Da atribulada Ignez o peito afflito.
 Mais pranto com teu pranto não me arranques,
 Que a hum terno coração inda mais custão
 As lagrimas que move, que as que verte.
 Sim, mesmo o ser amado he hum bem funesto,
 Que exacerba a desgraça aos desgraçados,

Elvira.

He possivel haver almas tão duras,
 Que hum tão sensivel coração flagellem!..
 Mas ah!.. Porque aos pezares succumbimos?
 D. Pedro he teu Esposo; elle ha de oppôr-se
 Defensor poderoso em teu socorro;
 Ha de frustrar da tyrannia as ordens;
 Nelle pois confiemos: a excitallo
 Bastarão tuas lagrimas...

Ignez.

Que dizes!

Que terrivel idéa me despertas!
Em vez de confortar-me, vens, Elvira,
Abater-me a constancia, aconselhar-me
A que contra seu Pai revolte hum filho?..
Ah! Não... Embora Ignez infeliz seja;
Mas nunca origem de rebeldes crimes:
Amortecida já, mas inda accèza
Brilha a luz da razão dentro em minha alma.
Não consintaes, oh Ceos! que amor a apague;
Fortalecei meu peito. Sim, eu devo,
Eu devo submeter-me ao meu destino:
Cumprão-se as duras leis do duro fado:
Amargurada hirei longe do Esposo
Acabar entre as garras da saudade...
Porém os caros filhos... Ah! comigo,
Comigo os levarei. Doces penhores
Do mais constante amor, sereis ao menos
Na minha adversidade terno alivio...
Entre os meus braços sempre, sempre unidos.
Da inconsolavel Mái ao peito anciado,
Cobertos de caricias, de suspiros,
Banhados com meu pranto, em seus semblantes
O semblante verei do Esposo ausente.
Aprenderão de mim... Mas ah! que digo!..

Quereria eu acaso, associando
 Ao pavoroso horror do meu destino
 O destino dos filhos inocentes,
 Tolher sua ventura?... Não; entregues
 De seu Pai aos desvelos, abrigados
 A' sua sombra fiquem; lembrem-lhe elles
 A misérrima Ignez continuamente...
 O retrato da Mãi nos filhos veja,
 Que eu memorias do Esposo não careço;
 No coração gravada a sua imagem,
 Ante os meus olhos sempre ha de seguir-me,
 Ha de, em quanto viver, viver comigo,
 E comigo baixar á sepultura.

SCENA III.

D. PEDRO, IGNEZ, e ELVIRA. (1)

D. Pedro.

Ignez, querida Esposa... Mas que vejo!...
 Debalde buscas enxugar teu pranto:
 Aos olhos de hum amante nada escapa.

(1) Ignez, apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lágrimas. Elvira afasta-se para o fundo da Scena, e pouco depois se retira.

Impressas no teu rosto bem diviso
 As afflicções que o coração me partem.
 Que motivo... Mas devo eu perguntallo?
 Não sei assaz a origem dos teus males?...
 Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagello;
 Mas o teu defensor, o teu Esposo:
 Nada recées pois, nada te afflija...
 Porém as tuas lagrimas se dobrão?...
 Oh Ceos!...

Ignez.

Amado Esposo, não repares,
 Não te afflijas co'as lagrimas que choro:
 As tuas expressões, tua presença
 Aggravão minha dôr, meu pranto augmentão.
 Ah! pelos tristes olhos sahir deixa
 Meu coração em lagrimas desfeito.

D. Pedro.

Antes em borbotões todo o meu sangue
 Eu quero ver correr, do que o teu pranto.
 De tua alma desterra vãos temores,
 Extermina os pezares, não succumbas
 Aos males transitorios que te opprimem.
 Os caprichos do Fado, a desventura
 Calcaremos aos pés: sim, cara Esposa,
 Sempre unidos seremos venturosos.

Ignez.

Unidos dizes tu?.. Oh Ceos!.. Unidos?..

D. Pedro.

Pois quem, quem poderia separar-nos?

Ignez.

O rigor... Ai de mim! Que vou dizer-lhe?..

Que raio a triste Ignez vai fulminar-te?..

Poupar teu coração, oh Ceos! quizera;

Porém eu a deixar-te não me atrevo,

Sem que te diga adeos... Ah! caro Esposo!

Aperta-me em teus braços, e recebe

As minhas derradeiras despedidas.

D. Pedro.

Que escuto!.. Que acontece?.. Ignez, que dizes?..

Ignez.

Para sempre de ti vou separar-me.

D. Pedro.

Separar-te de mim!

Ignez.

Atroz conflicto!..

Caro Príncipe, Esposo, não te esqueças

Da desditosa Ignez... Mas ah! que digo!

Esquece-me se podes; sê ditoso;

Vive, vive feliz: Eu só te rogo,

Que dos queridos filhos te encarregues;

Que affagues sua infancia, que os ampare;

Que os defendas da inveja, da impiedade :
 Não cogites de inim, delles só cuida,
 He forçoso ceder ás leis do Fado :
 Longe de ti, mirrada de saudades,
 Vou exhalar meus ultimos suspiros.

D. Pedro.

Oh desesperação! Que idéa horrivel
 Surge dentro em minha alma! Acaso (eu tremo!)
 Atrever-se-ha meu Pai . . .

Ignaz.

Aos seus preceitos
 Obedecer devemos : intimados
 Me forão já : de Portugal banida,
 Partir devo hoje mesmo para Hespanha.

D. Pedro.

Oh Furias! He possivel? Rei tyranno,
 Não levarás ávante os teus projectos...
 Nem elle, nem os Ceos, nem os Infernos
 Poderão arrancar-te de meus braços.
 Desenganallo vou, parto a fallar-lhe:
 Trema o cruel de mim, se não revoga
 A barbara sentença.

Ignaz.

Oh Ceos! Que fazes?

S C E N A IV.

D. PEDRO, IGNEZ, e D. SANCHO.

D. Sancho.

TEU Pai, Senhor, te busca: Tudo prestes
Para voltar á Corte... Mas que vejo!
Elle mesmo he quem vem:

D. Pedro.

Querida Esposa,
Retira-te, eu to rogo... Nada temas.

Ignez.

Eu me retiro, sim; mas só te imploro,
Que te lembres que hes filho, e que hes Vassallo.

Vai-se.

D. Pedro.

Mas Esposo tambem, que he mais que tudo.

SCENA V.

D. AFFONSO, D. PEDRO, e D. SANCHO.

D. Affonso.

ENTÃO, quem nestes sitios te demora?
Eia, segue-me já.

D. Pedro.

Quem, eu!.. seguir-te?..

Abandonalla! Não, não te obedeço.

D. Affonso.

Que escuto, oh Ceos!

D. Pedro.

Inda não disse tudo.

Attende-me, Senhor: he necessario
Declarar-me comtigo; o véo se rasgue;
He tempo, he tempo emfim que me conheças.
Entra em meu coração desesperado,
De virtudes capaz, capaz de crimes,
Se a crimes o excitar a tyrannia.
Sabes que adoro Ignez, e projectavas
Rouballa ao meu amor? Que infernal furia
Te aconselha a punir huma inocente,
Que he só culpada se a virtude he crime?

E esperavas acaso que eu pudesse
Cobarde tolerar seu menor damno,
A injustiça maior sem defende-la,
Sem oppôr-me aos designios da impiedade?
Eu fôra dos mortaes o mais abjecto,
Se deixasse opprimir...

D. Affonso.

Ah! Não prosigas:
Emmudece, rebelde. Não sei como
Reprimir posso a cólera... Que arrojo!...
Ousas tu murmurar dos meus Decretos?...

D. Pedro.

Não só murmuro, atrevo-me a frustrallos.
A razão, e os Ceos mesmos me auctorizão.
Defendo a minha Esposa.

D. Affonso.

A tua Esposa!...

D. Pedro.

A minha Esposa, sim: Sabe que os laços
Do sagrado Consorcio a Ignez me ligão.
Intentarias pois inda opprimilla?...

D. Affonso.

Não julgues illudir-me, não te creio:
A tão subtil ardil em vão reccorres.
Que! Esposa de meu filho huma Vassalla!...

D. Pedro.

Huma Vassalla, sim, para quem fôra
 Do Mundo todo o Imperio inda pequeno:
 Não duvides, Senhor. Que encontras nella
 Que indigna de teu filho julgar possas?
 Eu não quero fallar do Regio sangue,
 Que dos seus ascendentes derivado,
 Lhe circula nas veas: outros dotes
 Mais bellos, mais sublimes a ennobrecem:
 Vassalla, a quem os Ceos prodigos derão
 Todas as perfeições que os Ceos dar podem.
 Para ser do teu filho digna Esposa,
 Ser filha de Monarcas não precisa.
 Se Ignez he virtuosa, que lhe falta?
 Quem mais digna do Throno que a Virtude?
 Mas dos seus predicados prescindamos.
 Castro he minha Consorte, tanto basta:
 He Princeza, por tal a reconhece,
 E o decoro lhe guarda de que he digna.

D. Affonso.

Sim, tratada será como merece...
 Brevemente o verás.

D. Pedro.

Olha o que fazes:
 Não queiras constranger-me inexoravel
 A perpetrar horriveis attentados:

Se como Pai benigno, e Rei clemente
 Praticares comigo, has de em mim sempre
 Encontrar hum Vassallo respeitoso,
 E hum filho obediente; mas se acaso
 Insistes em roubar-me a cara Esposa,
 Hum mortal inimigo em mim contempla,
 Que cégo, furioso, e desesp'rado,
 Sem attender senão aos seus transportes,
 Será capaz de horrendos sacrilegios.
 Evitando-os, atalha huma injustiça:
 Revoga pois a barbara sentença.

D. Affonso.

Sim, por outra mais justa, revogada
 (Descança) ella vai ser. Espadanado
 Ha de em teu coração da infame o sangue
 As chammas apagar que te devorão.

D. Pedro. (1)

Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
 Hão de ser-me as entranhas arrancadas:
 Ha de em rios correr todo o meu sangue...
 A o teu sangue tambem se for preciso.

D. Affonso.

Oh Ceos!.. tremo de horror!..

D. Sancho.

Senhor, que fazes?

(1) Desesperado.

Ousas contra meu Pai?

D. Pedro.

Ah! Que proferes?

Pai? eu tenho inda Pai?.. (1) Não, não, tyranno,
 Tu meu Pai já não hes: não sou teu filho...
 Huni cruel como tu... porém que digo!...
 Cõ quem fallo?.. onde estou?.. quem me arrebata?
 O Inferno, as furias todas me espedação...
 Quem falla não sou eu, trovejão ellas...
 Sacrilego!.. que fiz!..

D. Affonso.

Ceos! estais surdos!..

Onde os raios estão, que inda não chovem
 Sobre hum monstro, que tanto os desafia?..
 Vingança!.. Maldições!..

D. Pedro.

Tudo mereço.

Ah! se os Ceos inda immoveis não fulminão,
 He talvez que assombrados de escutar-me,
 A desprender os raios não se atrevem.
 Debaixo de meus pés tremendo a terra,
 Quer abrir-se, e não ouça devorar-me...
 Até mesmo os abysmos se horrorisão
 De hum monstro, que soltou tantas blasfemias...
 Oh furor!.. Oh remorsos!.. Crime horrendo!..

(1) A D. Affonso, no mesmo frenetico arrebatamento.

Mas sabe o Ceo, Senhor, que involuntarias
 Não teve o coração parte nas vozes,
 Que por meus lábios despejou o Inferno...
 O Inferno todo que no peito encerro.
 Não me julgues capaz... porém que digo!...
 Infeliz!... Desculpar-me intento ainda!...
 Horror da Natureza, e de mim próprio,
 Nem me atrevo, Senhor, a supplicar-te
 O perdão... Não, eu delle não sou digno.
 Do pezo da existencia me alivia;
 Vinga da Natureza as leis sagradas,
 O respeito devido à Magestade,
 Que atropelei feroz: eterno exemplo
 Tu deves dar em mim ao Mundo inteiro.
 Salpicadas de sangue estas paredes,
 Que ouvirão minha voz blasfemadora,
 Aos séculos vindouros apregoem
 Meu lastimoso fim: ao vellas tremão
 As Gerações futuras de imitar-me. (1)
 Eis-me a teus pés prostrado; vibra o ferro;
 Eis meu peito, retalha-o: não te lembres
 Que foste já meu Pai... sou delinquente:
 Lembra-te só que hes Rei, castiga o crime.
 Porém... ah! não flagelles a virtude...

(1) Prostra-se aos pés de Affonso.

Se me deves punir como culpado,
 Ignez como inocente absolver deves.
 Não me custa morrer ; porém não posso,
 Não posso consentir que Ignez padeça . . .
 Nem ha de padecer em quanto eu viva.
 Pertender separar-nos he debalde ;
 Té duvido que a morte possa tanto . . . (1)
 Releva ao meu amor estes transportes . . . (2)
 Eu sou sensivel . . . amo . . . e sou amado.

D. Affonso.

Todos os meus sentidos péturbados,
 Cheio de ira, e de horror . . . nem fallar posso . . .
 Affastem-me da vista esse rebelde.
 Ao proximo Castello conduzido,
 Seja em prizão segura aferrolhado:
 Sua guarda, D. Sancho, eu te confio ;
 Em quanto justiçoso, inexoravel,
 Em Conselho d'Estado não decido
 Qual ser deva o castigo de seus crimes,
 E o suppicio da infame, que os motiva.
 Treme do meu furor, malvado, treme :
 Este dia talvez, dia horroroso !
 Será na longa serie das idades,

(1) Tornando em si.

(2) No tom mais pathético.

De eterno espanto a Portugal, e ao Mundo.
Vai-se.

SCENA VI.

D. PEDRO, e D. SANCHO.

D. Pedro.

INDA mais horroroso do que pensas
 Certamente será, se não desistes
 De tão crueis designios. Que impiedade!
 O suplicio d'Ignez! Da minha Esposa!...
 Como posso deixar de rebellar-me?
 Como evitar hum crime necessario,
 Que o dever, e a ternura me prescrevem?...
 Hum crime disse?.. Ah! não; longe os remorsos;
 Defender huma Esposa não he crime;
 Crime fora deixalla ao desamparo.
 Longe, maximas vãs, leis oppressivas,
 Que a tyrannia impoz sobre a ignorancia.
 Nada se deve aos pais pela existencia:
 Seus desvellos depois, seus beneficios
 São os titulos só que lhes conferem
 A' nossa obediencia hum jus sagrado.
 Meu coração revoca os seus direitos:

Arrependo-me só de arrepender-me
 Pelos ter justamente sustentado:
 Querias, Rei cruel, aferrolhar-me
 Em segura prizão, para a teu salvo
 Me poderes roubar a cara Esposa?...
 Debalde o projectaste, não ...

D. Sancho.

Deliras!...

Que intentos são os teus?... Rezistir queres
 Às ordens de teu Pai, que enfurecido....

S C E N A VII.

D. PEDRO, D. SANCHO, e D. IGNEZ.

Ignez.

Esposo, que fizeste?... Oh Ceos! eu tremo!..
 Da tua voz medonha horríveis éccos
 Inda nestas abobadas retumbão;
 De furor suffocado, o rosto em fogo,
 Affonso espavorido, a longos brados
 Chama pelos atrozes Conselheiros:
 Certamente faltando-lhe ao respeito,
 Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste?

D. Pedro.

Menos inda talvez do que devia.
 Não te importe o que fiz, faze o que digo.
 As furias não receiões do tyranno :
 Vai subito buscar os tenros filhos,
 E dispõe-te a seguir-me.

Ignez.

Como ! ... Aonde ? ...

D. Pedro.

Deixemos estes sitios, onde imperão
 A discordia, a injustiça, a iniquidade.
 Evitemos o extremo dos horrores :
 Acompanha-me, Esposa, senão queres
 Ver-me inda parricida.

D. Sancho.

Oh Ceos !

Ignez.

Que insania !

Ah ! Que dizes ? Que intentas ?

D. Pedro.

Defender-te,

E possuir-te em paz ; poupar-me ao crime.
 A tua vida, Ignez, ameaçar ousão ;
 Affonso pertendia encarcerar-me,
 Talvez para ordenar o teu suppicio :
 Atreveo-me a dizer-mo : he necessario

Fugir-lhe; ou repellir com braço armado
Seus barbaros designios: eia, vamos,
Não te demores mais.

Ignez.

Eu desfaleço!...

Desgraçada!... onde queres conduzir-me?

D. Pedro.

Se necessário for, ao fim do Mundo:
A meu lado segura, em qualquer parte.
Seremos venturosos; êrmas grutas,
Morada simples de prazeres puros,
Mais gratas nos serão que aureos Palacios,
Habitação fatal dos males todos.

Ignez.

Que me propões, Senhor! A voz me falta...

D. Sancho.

Ah Principe! Contempla o precipicio
Em que vás despenhar-te, e a que me arrastras.
Responsavel por ti...

D. Pedro.

A nada attendo.

Podes tambem, querendo, acompanhar-nos.

Para D. Sancho.

Sim, eu to rogo, vem... De cans coberto,
Tens conhecido assaz o ár pestilente,
Que nas Cortes costuma respirar-se,

Hálito venenoso que derramão
 A traidora lisonja, a fraude, a intriga,
 Que em torno aos Solios quase sempre gyrão.
 Longe de tanto horror, ah! vem ao menos
 Gozar em paz o resto de teus dias.

D. Sancho.

Feliz eu, se hontem fosse o derradeiro!
 Ah! querias que proximo ao sepulcro
 Fôsse ao meu Rei traidor? Que concorresse
 Para hum tal desatino?... Eu que incumbido
 Da tua educação (funesto emprego!)
 Por elle mesmo fui, socio seria
 Em teus crimes, soffrendo que infringisses
 Teu dever!...

D. Pedro.

Qual dever? futeis quimeras!
 O primeiro dever he ser ditoso,
 He seguir d'alma o natural instineto.
 Vamos, querida Ignez. ...

Ignez.

Oh Deos! Que trance!...
 Frenetico... ai de mim!... que premeditas?
 Teu nome, tua gloria offuscar queres?
 Seria a triste Ignez tão desgraçada,
 Que, origem de teus crimes, tolerasse

A infamia de te ver por seu respeito
 A Patria abandonar, e o Throno excelso?...
 Ah! que diria o Mundo...

D. Pedro.

Que diria?...

Que o esplendor do Solio não deslumbra
 Huma alma como a minha. Eu nada perco.
 Em deixallo por ti, não, cara Esposa;
 Vale mais ser feliz, que ser Monarca.

Ignez.

E pôde ser feliz quem atropella
 Da sociedade as leis, do sangue as vozes!
 Ah! Desiste, Senhor, de teus projectos;
 Obedece ao teu Rei: jámais esperes,
 Que eu approve, ou consinta os teus delirios:
 Nem te deixo partir, nem te acompanho...
 Eu não quero roubar a hum Pai seu filho,
 Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
 Privando-os do melhor dos seus Monarcas.
 Se os meus rogos...

D. Pedro.

Teus rogos são inuteis:
 Que! recuzas, Ignez, acompanhar-me?...
 Ah! não vês nestes sitios horrorosos
 Gyrar em torno a nós, a morte, e os crimes!

Ignez.

He para os evitar, que eu te não sigo.
A honra, a gloria valem mais que a vida.
Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.
Mas ah! porque tão proxima a divisas?
Decretou-ma teu Paí? Nada me encubras:
Sabe elle já que em vinculo sagrado . . .

D. Pedro.

Tudo lhe revelei: mas o tyranno,
Fingindo não poder acreditar-me,
Orgulhoso, tenaz em seu capricho,
Ameaçou-me... que horror! com teu suppicio;
E, para a seu sabor poder julgar-te,
Em segura prizão manda encerrar-me
No proximo Castello. He pois forçoso . . .

Ignez.

Obedecer-lhe, sim.

D. Pedro.

Obedecer-lhe? . . .

Ignez.

Indispensavel he: vai, caro Esposo,
Submissó aos Paternaes Regios preceitos,
Eu to rogo, Senhor, á prizão corre.
Outro meio não tens para salvar-me;
Nem eu por outro meio a vida quero:

Outra vez to asseguro, eu não te sigo ;
Jámais conseguirás...

D. Pedro.

Basta: não queres
Estes sitios deixar? queres ver nelles
Derrinados por mim rios de sangue?...
De huma austera virtude enthusiasmada
Ao parricidio, emfim, queres forçar-me?
Pois bem, a perpetrallo estou disposto.
Eu vou, sim, eu vou já...

Ignez.

Cruel, detem-te:
Meus gemidos, meu pranto já não podem
Mover-te o coração, domar-te as furiás?
Onde o Imperio que Ignez tinha em tua alma?

D. Pedro.

Não te cances, debalde são agora
Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos:
Este dia horroroso he consagrado
A' desesperação, ao crime, á morte.
Inflammado em meu peito, só com sangue
Das furiás o tição pôde apagar-se.
Impedir ninguem pôde, nem tu mesma,
Os golpes espantosos que o meu braço
Vai já descarregar.

Ignez.

Por mim começa:

Rasga-me o coração, da Esposa o sangue
 Seja o primeiro sangue que derraines;
 E se elle não bastar a saciar-te,
 Aos sacrilegios todos te arremeça...
 Que horror! Nem ouso em ti fitar meus olhos.
 E's tu? Não, tu não és o meu Esposo;
 O meu Esposo detestava os crimes;
 Eu amava hum consorte virtuoso;
 Virtudes já não tens, já te não amo.
 Vai, monstro sanguinario... Mas que disse?
 Eu deixar de te amar?... Não me acredites:
 O terno coração desmente as vozes,
 Que a meu pezar, de ouvir-te horrorisada,
 Sem tino proferi... Olha o meu pranto. (1)
 Abatida a teus pés, co'elles me abraço...
 Ou tu has de ceder aos meus lamentos,
 Ou ver-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.

D. Pedro.

Oh Ceos!... Querida Esposa. (2)

Ignez.

Eu não te deixo,
 Daqui me não levanto, sem primeiro

(1) Prostra-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro.

(2) Enternecido querendo levantar Ignez.

De tua alma banir as negras furias ;
 Sem que tu me promettas obediente
 Hir subito cumprir as Régias ordens.
 Ah ! Se tu amas inda as minhas preces,
 Não has-de resistir ...

D. Pedro.

Nem já resisto. (1)

Deixar de obedecer-te, ah ! quem, quem pôde ! ..
 Para a prizão já parto. (2) Amigo, vamos. (3)
 Poderás duvidar inda do imperio
 Que em meu coração tens ?

Ignez.

Oh Deos ! Confôrto ! (4)

Não me retalhes mais o peito afflichto. (5)
 A' tremula razão ceda a ternura ;
 Não te demores mais ...

D. Pedro.

Mas tu ...

Ignez.

Socega :

Nada temas por mim : o Ceo me inspira
 Os meios de abrandar de Affonso as iras.

(1) Levanta D. Ignez.

(2) A D. Sancho.

(3) Voltando-se para Ignez, e com a maior ternura.

(4) Voltando-se ternissimamente.

(5) Affectando tranquillidade.

Hirei c'os filhos a seus pés prostar-me:
 Ninguem resiste á voz da natureza:
 Por mais duro que seja o seu caracter,
 Se tem hum coração, ao ver os Netos
 Abraçados em mim, chorar comigo,
 Não poderá deixar de commover-se,
 De perdoar-me em fim; nada receies.
 Adeos, Esposo, adeos. (1)

D. Pedro.

Ceos! que suplicio! (2)

A C T O IV.

S C E N A I.

COELHO. e PACHECO.

Coelho.

VAO decidir-se em fim nossos destinos:
 Este o dia arriscado em que a Fortuna

(1) Muito a seu pezar precipitadamente se retira.

(2) Parte para a prizão com D. Sancho.

Segura mão nos dá, ou nos despenha
 Ou morre Ignez de Castro, ou nos perdemos.
 Resolutos a tudo, he necessario
 Os p'rigos affrontar: deve hum válido,
 No cume da grandeza vigilante,
 Aos Adversarios seus tramando a ruina,
 Primeiro que o derribem, derriballos;
 O futuro prever, prever a intriga,
 E destro em conhecella, e manejalla,
 A vida antes perder que o valimento.
 Nosso plano atéqui tem produzido
 O desejado effeito. Affonso irado,
 O Principe em prisão, tudo parece
 Prometter-nos hum exito ditoso.
 Tens tu já prevenido alliiado
 Os poucos Conselheiros que nos restão?
 Constantes votarão de Ignez a morte?

Pacheco.

Apenas lho propuz, m'o assegurárm;
 Dependentes de nós em grão mais baixo,
 A hum leve aceno autòmatos flexiveis,
 Eccos da nossa voz, a nosso grado
 Amoldando-se a tudo, a tudo prestes,
 Servir nossos caprichos tem por gloria.
 Entre todos D. Sancho unicamente
 Velho estoico, singello em demasia,

Que as honras, e os empregos menoscaba,
 Poderá combater nossos designios ;
 Mas Alvaro Gonçalves, que s' int'ressa
 Igualmente que nós d'Ignez na morte,
 Se incumbio de sondallo, e persuadillo.

Coelho.

Desnecessario he, que, encarregado
 Da guarda de D. Pedro, elle não pôde
 Ao Conselho assistir. Nada mais resta
 Do que azedar a cólera de Affonso,
 Dar-lhe a beber na taça da Justiça
 Adoçado veneno que o perturbe,
 E a voz da compaixão d'alma lhe afaste.
 Convem não perder tempo: aproveitemos
 Propicia occasião. que fugir pôde:
 Vamos . . .

Pacheco.

Espera . . . *(Pensativo.)*

Coelho.

Que! tu desfalleces!

Pacheco.

Confesso que algum tanto perturbado
 O coração não sei que me annuncia . . .
 Calculemos melhor sobre o futuro.
 Inda mesmo suppondo inevitavel,
 Suscitada por nós, de Castro a morte,

He de temer que o Principe ferido
 Na parte mais sensivel da sua alma,
 Raivando inexoravel, desesp'rado,
 Sobre nós descarregue atroz vingança.
 Quem poderá suster?...

Coelho.

Tarde receas:

Nas bordas já do aberto precipicio,
 He preciso transpollo, ou cahir nelle:
 Retroceder o passo não podemos.
 Assaz já sabe o Principe quaes sejão
 As nossas intenções, nossos conselhos;
 Seu odio contra nós he já sobejo.
 Que lucraremos pois, se ora cobardes
 Da começada empreza desistirmos?...
 Apesar nossa ruina, exacerballa?
 Se foi razão bastante a conspirar-nos
 Contra a vida de Ignez justo receio
 De ver hum dia alçada sobre o Throno
 A Irmã de nossos feros inimigos,
 Que em nosso damno então fartar podessem
 A perpetua aversão que nos jurámos;
 Se a nossa ruina assim era infallivel;
 Quanto mais o será tendo attrahido
 Do Principe o rancor!... Proseguir firmes
 He sómente o recurso que nos resta.

Morta Ignez, com o tempo talvez possa
 O Principe, esquecendo-a, sujeitar-se
 Ao Consorcio, que Affonso lhe prescreve,
 E, apagada a paixão, ver-nos sem odio.
 Ou victima talvez d'amor infausto,
 De saudades mirrado, não podendo
 Sobreviver a Ignez idolatrada,
 D'Ignez á sepultura a dôr o arraste.
 Affonso ha de entretanto defender-nos,
 E se acaso abortarem finalmente
 Nossos designios todos, então mesmo
 Não me hei-de arrepender de o ter forjado:
 Antes quero morrer, inda o repito,
 Do que ser por meus émulos calcado,
 Contemplados Irmãos d'huma Rainha,
Pacheco.

Sentimentos iguaes me fervem n'alma;
 Eia, tudo se arrisque; prosigamos:
 Descarregue-se o golpe derradeiro,
 Inda que, errando-o, sobre nós desfeixe.
 Eu parto a congregar os Conselheiros,
 Segurar inda mais todos os votos;
 E tu no entanto ao Rei procura, e move;
 Sua cólera atiça; que eu não tardo,
 Juntos os do Conselho, a vir chamallo.

Coelho.

Bem: não poupes promessas, nem t'esqueça
 Desculpar ante o Rei sempre a D. Pedro,
 Fazendo recahir de seus arrojos
 Sobre Ignez tão sómente a culpa toda.
 Affonso para aqui dirige os passos . . .
 Não percas tempo, vai. (1)

SCENA II.

D. AFFONSO, e COELHO.

D. Affonso.

CRUEIS remorsos!

Horroroso castigo de meus crimes! . .
 Que tropel de afflictões, que acerbos males
 Vem funestar o resto de meus dias! . .
 Infeliz Pai! . . Monarca desgraçado! . .

Coelho.

Releva-me, Senhor, que ouse, pungido
 Da dôr, em que o meu Rei vejo abysmado,

(1) Pacheco se retira, e D. Affonso entra na Scena pensativo.

Recordar-te que deves mitigalla.
 Tua vida, Senhor, não he só tua,
 Do teu Povo he tambem: ah! não, não queiras
 A' força de afflictões abreviar-lha.
 Sei quanto custa a hum Rei ouvir blasfemias
 De hum filho, que feroz o não respeita:
 Mas deves ponderar que hum tal arrojo
 Tão desculpavel he, quanto he violenta
 A funesta paixão de que instigado
 Teu filho, a teu pezar, o perpetrára;
 Delicto involuntario...

D. Affonso.

O seu delicto

Não he só filho da paixão que o céga:
 Força maior o arrasta aos sacrilegios:
 Mais que o seu ímpio arrôjo, o que me afflige,
 He ver que assaz mereço hum tal castigo,
 Das maldições celestes justo effeito.
 Oh remorsos crueis!... Era forçoso,
 Que hum filho de tal Pai fosse rebelde.
 Mais do que elle rebelde, filho ingrato
 Eu fui, eu fui tambem... Ardendo em furia
 Atrevi-me, que horror! a tomar armas
 Contra Diniz meu Pai; movi-lhe a guerra,
 Sublevei-lhe os Vassallos, assolei-os;
 Cavei-lhe assim feroz a sepultura;

Todas as leis calquei da Natureza,
 A Natureza agora quer vingar-se.
 De huim Pai, que contra o Pai se revoltára,
 E's sim, filho rebelde, és digno filho !
 Mais me soffreo Diniz do que eu te soffro ;
 Mas tu has de igualar meus attentados,
 Inda os has de exceder ; talvez já tardas !
 Nem vós podeis, oh Ceos ! jámais impunes
 Sacrilegios deixar tão execrados.
 Dos Avós implacaveis vingadores
 São, por justo castigo, quasi sempre
 Mâos filhos os do Pai que foi mão filho.
 Diniz ! Grande Diniz ! Sombra iracunda !
 Terrivel sombra, que ante mim voltéas !
 Sobre a minha cabeça criminosa,
 Por mão do ousado neto, descarregas
 O já tardio, merecido golpe ...
 Ah ! Sim ... bem vejo ... ameaçador me apontas
 O tremendo futuro, que m'espera ...
 Que flagello ! Que horror ! Que mar de sangue ! ..
 Tristes Vassallos meus ! Ah filho ! Filho !
 Suspende ...

Coelho.

Que delirio te arrebata ? ..
 Teu grande coração sentir não deve
 Remorsos, que aos malvados só competem :

Passadas, leves faltas não recordes;
 Males não temas, que atalhar bem podes.

D. Affonso.

Porque não vens, oh morte, alliviar-me
 Do pezo da existencia, e de meus crimes!

Coelho.

Que seria de nós, se os Ceos te ouvissem?
 Em desordens submerso, dessolado,
 Comtigo Portugal acabaria.

Os clamores escuta do teu Povo,
 Conserva-lhe o seu Rei: tão necessario
 A teus tristes Vassallos jámais foste:
 De mil calamidades ameaçados,
 Só lhes pôde valer tua justiça.

D. Affonso.

E como? De que modo evitar posso
 Desordens, que a mim mesmo me socobrão?

Coelho.

Do mal a causa exticta, o mal axpira;
 Extingue a causa pois de tantos males:
 Em quanto existir Castro, que os fomenta,
 Debalde intentarás dar-lhe o remedio.

D. Affonso.

Que dizes? Condemnar Ignez á morte!
 Tão graves são seus crimes, que mereção . . .

Coelho.

Os seus crimes, Senhor... Ah! por desgraça,
 Nunca o Mundo vio crimes que brotassem
 Tão funestas, horríveis consequencias:
 Desnecessario julgo referillas;
 Tu bem as sabes, pois assaz te affligem.
 Do Principe ardilosa seductora,
 Se teu filho he rebelde, se he blasfemo,
 Quem, senão ella, o fórça aos sacrilegios!
 Não vacilles, Senhor; o seu suppicio
 Chega a ser, mais que justo, indispensavel.
 Mas não basta o que eu digo a condemnalla:
 Tens melhores, mais sabios Conselheiros,
 Que jnntar já mandaste; ouve os seus votos:
 Que se elles zelo igual ao que me inflamma,
 Por ti, pelo bem público, tiverem,
 Hão de todos unanimes rogar-te,
 Que o suppicio de Ignez logo decretes;
 Pintar-te co'as mais negras, proprias côres
 De Portugal a ruina, se o dilatas;
 As dissensões crueis, a horrivel guerra,
 Que a vingativa Hespanha vai mover-nos,
 E de que os teus Vassallos, fatigados
 Das recentes batalhas, já murmurão.
 A Viuva, que o Esposo perdeo nellas,
 Não quer perder agora o caro filio,
 Nem o filho, que em lucto inda o Pai chora,

Desamparando a Mái, expôr-se á morte.
 Finalmente, Senhor, tudo te bráda
 Que sacrificues huma a tantas vidas;
 Que deixes ao Futuro eterno exemplo,
 Para que ninguem mais seduzir ouse,
 A' imitação de Ignez, corações Regios.

D. Affonso.

Se assim o exige o público socêgo,
 O Conselho decida o que for justo,
 Que eu afflichto não sei o que obrar deva.

Coelho. (1)

Que vejo! Ignez!.. He muito! Inda se atreve
 A vir apparecer-te?.. Ah! melhor fôra
 Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.

D. Affonso.

Vamos, sim... Porém não, devo escutalla.

Coelho.

Talvez os do Conselho já te esperem.

D. Affonso.

Vai tu juntar-te a elles, que eu não tardo.

(1) Avistando Ignez ainda fóra da Scena.

SCENA III.

*D. AFFONSO, IGNEZ, ELVIRA, DOUS
MENINOS FILHOS DE IGNEZ.*

Ignez.

CHEGAI, filhos, chegai, vinde prostrar-vos.
Aos pés de vosso Avô; vinde beijar-lhe
Pela primeira vez a Mão Augusta.

(1) Eiſ, ó Senhor, os filhos de teu filho,
Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
Que desta triste Mái te compadeças.
Chorai, chorai comigo, tristes filhos,
Intercedei por mim com vosso pranto,
Pranto mais expressivo do que as vozes,
Que a vossa tenra infancia não permitte:
Ajudai meus lamentos, minhas preces,
Impetrai meu perdão. Sim, Rei clemente,
Eis a Mái desgraçada de teus Netos,
Que abraçada com elles te supplica,
Que a misérrima vida lhe conserves.

(1) Prostra-se com os meninos aos pés de Affonso, e Elvira se retira.

Sei que vai decretar-se o meu suppicio!
 Alvo da intriga, victima da Inveja,
 Temerosa, infeliz, desamparada,
 A morte já diviso, a injusta morte,
 Que raivosos, tyrannos Conselheiros,
 Illudindo a piedade de tua alma,
 Fulminão contra mim... Que atrocidade!...
 Porque enormes delictos sou punida?...
 Amar, Senhor, teu filho, e ser amada,
 Crime acaso será digno de morte?
 Imploro, ouso attestar tua justiça.
 Ah! Consulta, Senhor, tua clemencia.
 Teu coração consulta, que elle mesmo
 Te ha de dizer, que a morte não mereço.

D. Affonso.

Levanta-te, infeliz... (1) Oh Natureza! (2)
 Oh de hum Monarca rigidos deveres!...
 Levanta-te, infeliz. (3) Funesta origem
 Das crueis afflictões que me consternão...
 Ao ver-te me enfureço, ... e me commovo...
 O Pai quer perdoar-te... o Rei não pôde.

(1) Enternecido.

(2) Vai abraçar os netos, volta o rosto afflito, e exclama.

(3) Levanta Ignez.

Ignez.

Ah Senhor! perdoar aos desgraçados
 He dos Reis o poder mais doce, e augusto:
 Sim, do teu coração segue os impulsos;
 Triunfe a compaixão, e a natureza,
 Não te has de arrepender por ser piedoso;
 Antes porém se á morte me condemnas,
 Hão de eternos remorsos flagellar-te,
 Incessantes angustias consumir-te:
 De Portugal a gloria, as esperanças
 Vão sobre a minha campa espedaçar-se.
 Verás por ti mandado á sepultura
 Comigo, a teu pezar, descer meu filho.
 Matando-me, Senhor, ah! vê que o matas!
 Os nossos corações unidos ambos
 Tão ligados estão, que o mesmo golpe
 Que retalhar o meu, traspassa o delle;
 Existir hum sem outro não podemos . . .
 Por elle, e não por mim t'imploro a vida.
 Sim, (1) de rojo outra vez tórno a abraçar-me
 Com tuas Regias Plantas. Tem piedade
 Da Esposa de meu filho. Ah! senão fossem
 Estas doces prizões, que me constrangem
 A viver infeliz, e amar a vida,

(1) Prostra-se outra vez aos pés de Affonso..

Longe de instar por ella, sem queixar-me,
 Tranquilla recebêra o fatal golpe . . .
 Mas deixar para sempre o que mais amo! . . .
 Sou Esposa, sou Mãi . . . Ceos! Desfalleço! (1)
 Queridos filhos . . . Desgraçados orfãos! . . .
 E que será de vós quando vos falte
 A mais terna das Mãis, o Pai mais terno! . . .
 Ah Senhor! Se inflexivel ao meu pranto,
 A minha situação te não commove,
 Presta ouvidos á voz da Natureza:
 Mova-te a compaixão o desamparo
 Destas victimas tenras, e innocentes:
 Elles culpa não tem dos meus delictos.
 Não te lembres, Senhor, que são meus filhos,
 Ah! não: lembra-te só, que são teus netos . . .
 Mas tuchoras? Que vejo! Os Ceos me ouvirão:
 Tuas lagrimas vem em meu socorro,
 Ellas o meu perdão já me annuncião.
 Acaba de extinguir os meus temores,
 Dize, dize, Senhor, que me perdoas.

D. Affonso.

Não posso resistir . . . Oh quem púdéra
 Neste instante deixar de ser Monarca!

(1) Abraça os filhos com a maior ternura, e afflicção.

SCENA IV.

*D. AFFONSO, IGNEZ, SEUS FILHOS,
e COELHO.*

Coelho.

POR TI, Senhor, se espera: vem, não tardes;
Que já começa o Povo a amotinar-se.

Ignez.

Oh Deos! Eu morro!

D. Affonso.

Ignez, não desesperes.

Inflexivel não sou: meu pranto o affirma;
Mas não posso faltar aos meus deveres:
Não sou senhor de mim; tenho Vassallos;
Perante elles, perante os Ceos, e a Terra,
De tudo quanto obrar sou responsavel;
Despotico não sou; mas sou piedoso.
Tens Affonso por ti, nelle confia:
Ao Conselho d'Estado vou eu mesmo
Tua causa advogar. Ceos, inspirai-me.

(1) Ignez apenas avista Coelho, levanta-se atemorizada.

SCENA V.

IGNEZ, e SEUS FILHOS.

Ignéz.

DEBALDE seductor as esperanças
Por mais tempo illudir-me já não podem.
O coração me augúra que he chegado
De meus dias o termo desastroso.
Sim, proximos estais, queridos filhos,
A perder vossa Mái... vinde a meus braços...
Em breve... ai triste!... em breve hão de faltar-vos
Os maternaes, ternissimos affagos...
Para sempre vos deixo... para sempre...
Cruel separação!... dôr insoffrivel!...
Horrorosos momentos! Ceos!... Nem posso;
Nem me atrevo... ai de mim! a ver meus filhos:
Quanto mais os contemplo, mais me aflijo...
De todo sinto já faltar-me o alento...
O coração rebenta... que anciedade!...
Ah! parece que a morte... ella já chega...
A descarnada mão... que horror! Espera...
Suspende, ó Morte... deixa que primeiro...
Meus filhos onde estão?.. quero inda vê-los...

Crueis, não m'os roubeis... Antes que morra,
 Ao menos huma vez quero abraçallos...
 Quem se atreve a arrancallos de meu peito?...
 Ah barbaros!... meu sangue... Esposo? Esposo?...
 Onde estás, que não vens em meu socorro!...
 Mas em vão... Já he tarde... a sepultura...

SCENA VI.

IGNEZ, SEUS FILHOS, e ELVIRA.

Elvira.

QUE vejo, oh Deos! (1)

Ignez.

Abertos os abysmos... (2)

Elvira.

Ignez... (que magoa!) Ignez...

Ignez.

Que!... quem me chama?..

E's tu, Constança? E's tu, que vens ainda
 Na habitação da morte perseguir-me?

(1) Corre para Ignez.

(2) Delirante ainda.

Elvira.

Torna, Senhora, em ti... Já não conheces,
Não vês a triste Elvira?...

Ignez.

Quem!... Elvira...

E's tu? aonde estou?... Ah! que me queres?

Elvira.

Mitigar tua dôr, chamar-te á vida.
Os alentos recobra, as esperanças:
Serás inda feliz, verás em breve
Trocados em prazer os teus pezares.

Ignez.

Prazeres para mim!... ah!...

Elvira.

Que! não viste

As lagrimas do Rei, que o teu indulto
No enternecido aspecto promettia?

Ignez.

Qual quimerico indulto!... Nada esperes:
Que importão suas lagrimas, que importa
Que perdoar-me queira, se o rodêão
Vís Cortezãos, escandalo do Throno,
Algezes da innocencia, feros monstros,
Sedentos do meu sangue, que ardilosos
Seu coração benigno senhorêão?
Elvira, a minha morte he infallivel;

Pouco pôde tardar: antes que chegue,
 Toma, toma estes orfãos inocentes,
 Conduze-os á prizão ao meu Esposo;
 Entrega ao triste Pai os tristes filhos,
 E dize-lhe que Ignez... Mas ah, que faço!...
 Retalhar quero do consorte o peito?
 Co' a noticia fatal da minha morte,
 O mortifero golpe anticipar-lhe?...
 Ah! não; beni basta que de dôr expire
 Quando entrar nesta lugubre morada,
 Onde chamando em vão a exticta Esposa,
 Tristes éccos sómente lhe respondão,
 E tintas as paredes do meu sangue,
 Luctuósos vestigios da consorte
 A cada passo espavorido encontre.
 Então, Elvira, então he que eu te rogo
 Lhe digas... (1) Ah! parece que ouço passos...
 Serão talvez meus barbaros verdugos...
 Que cheios de furor, ardendo em raiva
 Venhão cevar-se no meu sangue?... ai triste!...
 Eilos que chegão... não m'engano... Elvira!
 Vamos na minha Camara encerrar-nos:
 Lá melhor poderei recommendar-te
 O que exijo de ti: sim, vamos filhos.

(1) Olhando atemorizada em volta da Sessa.

Quero morrer ao menos junto ao leito,
 Que tem sido até agora testemunha
 D'envenenados, rápidos prazeres,
 Dos continuos remorsos do meu crime,
 Das minhas afflícções, e do meu pranto.

A C T O V.

S C E N A I.

D. AFFONSO.

D. *Affonso.*

QUE afflícção, que tumulto n'alma sinto!
 Vacillante, confuso, atribulado:
 Mal posso respirar. Ceos! que tormento!
 D'hum lado a compaixão, d'outro a Justiça...
 Formidavel Justiça! em sim venceste.
 Satisfeito estarás de vêr, tyranno...
 O suppicio de Ignez... Oh Deos! e pude,
 Tremendo, subscrever da sua morte
 A rígida sentença!.. Eu me horroriso:

Dentro em meu coração queixosas sinto
 Bradar a compaixão, e a natureza...
 Que! surdo á ^{sua} voz, consentir devo,
 Que á morte, a meu pezar, severamente
 Seja a Mái de meus Netos condenada?
 E por que crimes? por amar meu Filho?
 Ah! não: he tempo ainda; revoguemos
 A sentença cruel... porém que faço?...
 O público socêgo, o bem do Estado,
 O popular clamor, o exemplo, tudo,
 Tudo em fin contra a triste me constrange,
 E me estorva o prazer de perdoar-lhe.
 Oh dura condição! pezado Sceptro?
 E haverá quem dos Reis inveje a sorte?
 Tormentoso lugar, terrivel Solio,
 Assento d'afflicções, e de amarguras;
 Desgraçados aquelles que te occupão!

SCENA II.

D. AFFONSO, e D. SANCHO.

D. Sancho.

AH SENHOR! Se teu filho inda te he caro,
 Senão queres privar os Lusitanos

Do herdeiro Augusto de teu Throno, e gloria;
Não percas tempo, evita, remedeia
A desesperação que o assassina.
Eu conter já não posso os seus transportes,
Nem vêr as afflícções que o despedação:
Humas vezes convulso, delirante,
Scintilando furor, acceso em raiva,
Morde, intenta romper os duros ferros
Da prisão, que o retém; blasfema, e brama:
Consternado outras vezes, abatido,
Em profundo lethargo, entre agonias,
Os olhos razos d'agua, o peito anciado,
Succumbe todo á dôr, cahe, desfalece.
Eis que subito agora por mim chama:
„ Vai, amigo, (me diz) corre apressado,
„ Saber da minha Esposa, e de meus filhos.
„ Certamente os perversos Conselheiros
„ Ousárão conspirar contra os seus dias:
„ Ah ! procura meu Pai, por mim lhe falla;
„ Por mim de Ignez o indulto lhe supplica;
„ O Estado em que me vês lhe representa;
„ E se elle persistir inexoravel,
„ Protesta-lhe por mim... „ Ah ! nem me atrevo
A referir-te... „

D. Affonso.

Basta: não augmentes

À minha confusão: oh Deos!

D. Sancho.

Perdoa:

Tu silêncio me impões; mas eu não posso,
 Não posso obedecer-te: o grande risco
 Em que os dias do Príncipe contemplo,
 O amor que lhe consagro, não permittem
 Que eu cesse de clamar-te, que perdoes
 A miseranda Ignez, de cuja vida
 A vida de teu filho está pendente.

Ignez já agora he de D. Pedro Esposa...
 E até digna de o ser. Não acredites
 Damnados corações; que seus contrarios,
 D'inveja, d'ambição, de rancor cheios,
 Intentão denegrir o seu carácter.

Vê, meu Rei, que te illudem: crêr-me deves:
 Por meus labios fallou sempre a verdade.
 Ignez huma alma tem singella, e nobre,
 Sensivel de sobrejo, a amar propensa,
 Não pôde resistir a amar teu filho;
 Seu delicto he só este, não tem outros;
 D'outros não he capaz, e hum tal delicto,
 Quando tantas virtudes o acompanhão,
 He digno de perdão, he desejável.

(1) Perdoa-lhe, meu Rei, não diga o Mundo,
 Que inflexivel, severo em demazia,
 Nem de teu filho á Esposa perdoaste.

D. Affonso. (2)

Não, não ha de dizer. (3) Oh lá, D. Nuno! (4)
 Deixar eu de ser Pai por ser Monarca?...
 Ah! Não.

S C E N A III.

D. AFFONSO, D. SANCHO, e D. NUNO.

D. Nuno.

QUE determinas?

D. Affonso.

Apressado

Parte em busca de Ignez; aqui ma envia;
 E aos duros Conselheiros participa,
 Que a sentença revogo; a Ignez perdôo.

D. Sancho.

Gracas, benigno Rei!...

(1) Prostra-se aos pés de D. Affonso.

(2) Depois de pensar hum pouco.

(3) Chamando para dentro da Scena.

(4) Comsigo mesmo.

D. Nuno.

Oh feliz Castro!

(1) Já proxima ao sepulcro á vida tornas.

S C E N A IV.

D. AFFONSO, e D. SANCHO.

D. Sancho.

QUE escuto! A' morte já sentenciada!..

D. Affonso.

Longe de nós lembrança tão funesta.

O Principe vai pôr em liberdade:

Que me venha abraçar; Ignez he sua.

D. Sancho.

Que jubilo! (2) Ah Senhor! Deixa que eu banhe

Tua mão generosa com meu pranto,

Suave pranto, que o prazer me arranca. (3)

Eu vou... Sim; a alegria azas m'empresta:

Vou levar a D. Pedro a feliz nova,

Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

(1) Partindo.

(2) Prostra-se, e beija a mão do Rei,

(3) Levanta-se,

SCENA V.

*AFFONSO.**D. Affonso.*

O mil vezes feliz todo o que pôde
 Venturosos fazer os desgraçados!...
 Desafogado o coração já sinto...
 Hum Rei sómente he Rei quando perdão.
 Minha alma d'antemão já saborêa
 O jubilo de Ignez, e dé meu filho,
 D'hum, e d'outro os abraços, os transports
 A inocente alegria de meus netos...
 Delicia dos mortaes, oh Natureza!
 Cedão ás tuas leis as más leis todas.

SCENA VI.

*D. AFFONSO, e o EMBAIXADOR.**Embaix.*

CONDÓRIDO, Senhor da infeliz Castrô,
 Releva que eu me atreva a supplicar-te,

Que a decretada morte lhe perdoes:
 Eu sei que a teu pezar foi condemnada,
 Satisfação que dás ao meu Monarca,
 Quando elle certamente, persuadido
 Da tua fidelissima amizade,
 Não quererá, Senhor, que lha confirmes
 Com o sangue de Ignez, que inda he seu sangue.
 Atrevo-me em seu nome a assegurar-to,
 Rogando-te, pratiques generoso
 A piedade que he propria da tua alma.

D. Affonso.

Muito folgo de ver teus sentimentos
 Tão conformes aos meus; sim, eu espero,
 Que o teu Rei me não culpe de piedoso.
 A Ignez já perdoei; fiz mais ainda;
 Reconheci-a de meu filho Esposa.
 Não me atrevo a romper o nó sagrado,
 Em que Hymenêo, e Amor os enlaçava,
 Ignorado por mim, quando-sincero
 O tratado firmei, que promettia
 Com Beatriz de meu Filho os Desposorios.
 Deves pois ao teu Rei fazer sciente,
 Das razões poderosas que os estorvão;
 E por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
 Constante, inalteravel amizade.

Embaix.

Teu leal proceder, as razões todas
 Que a decidir assim te constrangérão,
 Lhe exporei fielmente, e não duvides
 Que tal resolução lhe agrade, e a louve.

D. Affonso.

Dictou-ma o coração, e de abraçalla
 Não me hei de arrepender: nunca a piedade
 Pôde manchar as purpuras: se o Mundo
 De Bruto inda com pasmo escuta o nome,
 Mais saudoso de Tito o nome adora.
 Porém que vejo!..oh Ceos!..D.Nuno em pranto...,

SCENA VII.

OS DITOS, e D. NUNO.

D. Nuno.

O h fereza!.. oh desgraça!..

D. Affonso.

Que acontece?..

D. Nuno.

A dôr, e o pranto, as expressões me tolhem...
 Cheguei tarde, Senhor... Ignez...

D. Affonso.

He morta?..

D. Nuno.

Brevemente o será.

Embaix.

Oh Deos!

D. Nuno.

Debalde

A' misera e mesquinha perdoaste:
De seu preclaro sangue sequiosos,
Os Ministros crueis se antecipárão ...

D. Affonso.

Oh detestaveis, sanguinarios monstros!
E pudestes ... acaba.

D. Nuno.

Mensageiro

Da piedosa faustissima noticia,
A' Camara de Ignez veloz caminho;
Pouco distante já de seus lamentos
Parece que as abobadas gemião:
Acceléro inda mais ligeiros passos,
E ao tempo que os crueis descarregavão
Sobre o peito d'Ignez os duros golpes,
Entro... (que horror!) perdão, perdão, exclamo:
A' palavra *perdão* os ímpios tremem,
E até da mão os ferros lhes calhirão:

Em vão porém; que o sangue já corria.
Servirão só meus gritos de que fosse
A ferida talvez menos profunda.
Então Coelho, e Pacheco, estatuas ambos,
Como espantados do seu crime horrendo,
Sem proferir palavra largo tempo,
Olhando hum para o outro espavoridos,
Apenas a final dizer poderão:
„ Não ha mais que hum recurso; eia, fujamos; „
E subito os crueis desapparecem.
Ignez desfalecida, mal ouvíra
Que tu lhe perdoáras, levantando
As mãos aos Ceos, e os macerados olhos,
Mil vezes te bemdiz, por ti mil vezes
Aos Ceos envia fervorosas preces;
Cheia de gratidão, inda o seu rosto
Entre as sombras da morte parecia
Que ao proferir teu nome s'alegrava;
Em quanto as tristes Damas, que a rodêão,
O sangue de seu peito estancar buscão,
„ Por ultimo favor (lhes diz) implóro,
„ Que á presença d'Affonso me conduzão:
„ Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
„ E a seus pés espirar agradecida. „
C'os filhinhos ao lado a mal fadada,

Buscando-te, Senhor, para estes sitios
Já com tremulos passos se encaminha.

D. Affonso.

Oh destino!.. Oh fereza!.. Infeliz Castro!..
Filho infeliz!.. Mais infeliz do que ambos,
Atribulado Pai!.. Todos os males,
As furias, as desgraças, e os remorsos
Desde o berço ao sepulcro me acompanhão.
Nasci para flagello dos humanos,
Para opprobrio nasci da natureza:
Portugal, dos seus Reis na clara historia,
Chamará com razão ao quarto Affonso
Mão Irmão, Filho ingrato, e Pai tyranno.
O culpado sou eu de Ignez na morte,
Eu que, pelos perversos enganado,
Tarde o grito escutei da humanidade.
Ah! fujamos, fujamos destes sitios,
Que a vêr a desgraçada não me atrevo...
Mas ai de mim!.. As forças me abandonão:
Eis ella chega... Amigos, soccorrei-me;
Afastai-me daqui...

SCENA VIII.

OS MESMOS, IGNEZ, OS DOIS MENINOS SEUS FILHOS, ELVIRA, E DUAS AIAS. (1)

Ignez.

Ah! Não me fujas...

Não me fujas, Senhor... toma os teus Netos...
 Para t'os entregar, agonisante,
 O Maternal amor aqui me arrasta...
 Tristes orfãos, adeos... Adeos, meus filhos...
 Nas tuas mãos, Senhor, os deposito...
 Em teu bom coração abrigo encontrem...
 Ampare-os seu Avô, já que a Mái perdem...
 Possão elles hum dia, de ti dignos,
 Dignos filhos do Pai mais virtuoso,
 Com virtudes iguaes, egregios feitos,
 Compensar-te o perdão, que me outorgaste...
 E por ultima graça me concede,
 Que inda antes d'espirar meu Pai te chame.

(1) As Aias sustentão nos braços Ignez, que vem fertia.

D. Affonso.

Chama-me o teu algoz ; não queiras dar-me
 O doce nome que me não compete :
 Bem quizera eu tambem chamar-te Filha : ...
 Mas não me atrevo, não ; a Natureza,
 Se visse por meus labios profanado
 Nome tão deleitoso, estremecêra ...
 Teu sangue está bradando ; tu só deves
 O cruel detestar, que te assassina ;
 Mas bem vingada estás ; mais desgraçado
 Mil vezes do que tu, mil mortes soffro.
 Ah ! poupa ao teu verdugo o horror de ver-te
 Exhalar d'alma os ultimos arrancos ...
 Eu vou, sim, porque até minha presença
 Deve ser a teus olhos odiosa. (1)
 Ninguem me siga, ah ! não ; deixem-me todos,
 Fujão todos de mim ; quero esconder-me
 A todos os viventes, té que possa
 Nos abysmos sumir-me para sempre. (2)

(1) Vai a partir, e vendo que D. Nuno o quer acompanhar, volta-se, e diz.

(2) Parte arrebatadamente.

SCENA IX.

OS MESMOS, EXCEPTO AFFONSO.

Ignéz.

Ah! Senhor!.. mas debalde; não me attende;
 Inda mais este golpe!.. Não me custão
 As suas afflícções menos que a morte...
 Oh quantos desgraçados tenho feito!
 O triste Pai, o Esposo... Ai triste Esposo!..
 E que será de ti!.. Lembrança horrivel!..
 D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
 A' sua dôr buscai dar lenitivo...
 Ah! s'eu pudesse ao menos vêlo ainda...
 Morréra satisfeita... Ceos!.. já sinto
 A agonia da morte... Filhos... Filhos...
 Quanto a sua presença me consternam!..
 Ah! levem-mos daqui... mas para onde?..
 Não; chegai, filhos meus... em vossos labios
 Quero entornar minha alma... nelles quero
 Deixar a vosso Pai depositados
 Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...
 São estes... Que anciedade! a luz me foge...
 Adeos, Filhos... adeos, Esposo... Eu morro.(1)

(1) Cahe, e espira nos braços das Damas.

Embaix.

Que doloroso transe!

SCENA X.

OS MESMOS, D. PEDRO, e D. SANCHO.

D. Pedro. (1)

AMADA Esposa,

Ignez, querida Ignez, vôa a meus braços,
Vem completa fazer minha alegria. (2)
Porém que!.. vós chorais! que infausto agouro(3)

D. Sancho.

Oh Principe infeliz!.. Mortal angustia!
Afastai-lhe da vista a extinta Esposa. (4)

D. Pedro. (5)

A Esposa!.. onde está ella? hide chamar-ma.

D. Nuno.

Ah! Senhor!..

(1) D. Pedro entra na Scena cheio de alegria, sem ver o cadaver de Ignez.

(2) Vendo chorar D. Nuno, e o Embaixador, que estão defronte do cadaver de Ignez.

(3) Olha para trás, dá com os olhos em Ignez morta, quer correr a ella, recua espavorido, e cahe desfalecido nos braços de D. Sancho, e do Embaixador.

(4) Elvira, e as Ajas retirão da Scena Ignez, e os Meninos.

(5) Em delirio.

D. Pedro.

Não tardeis, hide chamar-má.
Eu mesmo, eu mesmo vou... Ignez, Esposa!(1)
Embaix.

A extrema dôr o priva dos sentidos.

D. Nuno.

A tua Esposa... oh Deos!.. já não existe.

D. Pedro.

He morta? Injustos Ceos! Clarão terrivel!..
Que! também tu, D. Sancho, me enganaste?(2)
Ah! Sim, eu mesmo a ví... hórrida imagem!..
E tornaráo a abrir-se inda os meus olhos?
Vi morta a cara Esposa, e vivo ainda! (3)
Espera, espera Ignez, eu te acompanho,
Eu já te sigo, sim... (4) Mas não, primeiro
He preciso vingar a sua morte.
Quem a matou?.. dizei... Talvez... foi elle,
Esse tyranno, que meu Pai se chama?

D. Nuno.

Ah! não; Senhor, teu Pai lhe perdoava,
Mas Coelho, e Pacheco os ímpios forão,
Que...

(1) Convulso quer caminhar, e não pôde.

(2) Ollhando para o lugar onde víra Ignez morta.

(3) Em acção de desembainhar a espada.

(4) D. Nuno, e D. Sancho impedem que D. Pedro desembainhe, e este reflectindo hum pouco, diz.

D. Pedro.

Basta: nada mais. (1) Impios são todos,
E eu de todos o sangue beber quero.
Treme, barbaro **R**ei; cruenta guerra
Eu protesto fazer-te: sim, eu juro
Pelo sangue de Ignez, cujos vestigios
Bradando por vingança alli diviso,
Juro, cruel, do Throno derribar-te,
E em teu lugar, c'roada alçar a elle
A Esposa que me roubas. A meu lado,
Mesmo depois de morta, a bella **C**astro
Será Rainha, reinará comigo:
Que importa que o seu corpo não respire,
Se a sua alma inda existe unida á minha!
Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,
Tributar-lhe as devidas homenagens:
De seu throno degráos por mim calcados
Os tyrannos serão que a assassinárão:
Seus corações malvados, das entradas
Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincallos.
A's minhas iras escapar não podem:
Inda que nos infernos vão sumir-se,
Lá mesmo, ardendo em raiva, hirei buscallos.
Será tal meu furor, minha vingança,

(1) Na mesma furiosa desesperação.

Que o Mundo tremerá de ouvir meu nome :
 Por toda a parte se hão de ouvir sómente
 Pranto, desolação, e horrores . . . tantos
 Os estragos serão, as mortes tantas,
 Que ha de em sangue nadar Portugal todo :
 Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Téjo
 Hão de, em vez d'agoa, despejar aos mares ;
 E os proprios mares arrojar bramindo
 Ondas de sangue ás mais longiquas praias.
 Eu vou já começar a derramallo.
 Oh furias ! oh vingança ! acompanhai-me,
 Meus passos dirigi ; guiai meu braço. (1)

D. Sancho.

Ah Príncipe, suspende ! mas quem pôde
 Conter as furias que lhe lutão n'alma !

D. Nuno.

Que espantoso tropel de horriveis males ! . .
 Oh de cégas paixões funesto exemplo ! . .
 Misero Esposo ! . . mal fadada Castro ! . .
 De quanta compaixão são dignos ambos ! . .
 Muito s'amavão, desgraçados forão,
 Chore-os o Mundo, e de imitallos trema.

F I M.

(1) Parte furioso arrebatadamente da Scena.

Vende-se na loja de livros de João Henriques na rua Augusta N.º 1, onde tambem se vendem as peças seguintes :

Attilio Régulo, Drama Heroico de Matastasio, Traducção de M. M. de B. du Bocage, e outras excellentes Poesias do Traductor. 1 vol. 8. ^º	480
Eufemia, ou o Triunfo da Religião, Traducção do sobredito Bocage.	240
Sofonisba, de Voltaire.	240
Mariamne, de Voltaire.	240
Orestes, de Voltaire.	240
Mafoma, de Voltaire.	240
Os Scythas, de Voltaire.	160
Alzira, ou os Americanos, de Voltaire.	160
Jesualdo, por José Joaquim Bordallo.	200
O Triunfo da Natureza, por Vicente Pedro Nolasco da Cunha.	400
A Vingança, de Young.	120
Busiris, de Young.	120
Palafox, ou o Cerco de Saragoça, Drama	320
D. Elvira, ou a Noiva de si mesma.	120
A Mãi Indiscreta.	240
Escola do Escandalo.	240
Collecção de Obras Dramaticas de Anto-	

nio Joaquim de Carvalho, que contém
huma Comedia : a Ribeira do Peixe,
ou a Pexeira virtuosa : e tres Farças,
a saber, A Velhice Namorada: A Au-
la dos Toireiros tolos: O Galego bruto
e moço. 8.º 1 vol.

360

